

**LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**

RANNYELLE ROCHA TEIXEIRA

**MOVIMENTO LGBT: o grito suprimido ganha visibilidade diante da
sociedade picoense entre 2006-2013**

PICOS-PI

2014

RANNYELLE ROCHA TEIXEIRA

MOVIMENTO LGBT: o grito suprimido ganha visibilidade diante da sociedade picoense entre 2006-2013

Monografia apresentada ao curso de história da Universidade Federal do Piauí, como pré-requisito para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Professora MSC. Olivia Candeia Lima Rocha

PICOS-PI

2014

Eu, **Rannyelle Rocha Teixeira**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 20 de março de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

T266m Teixeira, Rannyelle Rocha.
Movimento LGBT: o grito suprimido ganha visibilidade
diante da sociedade picoense entre 2006 - 2013 / Rannyelle
Rocha Teixeira. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (78 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Profa. MSc. Olívia Candeia Lima Rocha

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Movimento LGBT. I. Título.

CDD 306.768 212

RANNYELLE ROCHA TEIXEIRA

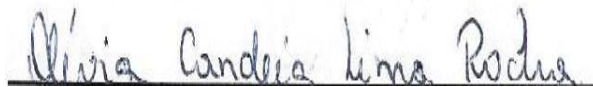
MOVIMENTO LGBT: o grito suprimido ganha visibilidade diante da sociedade picoense entre 2006-2013

Monografia apresentada ao curso de história da Universidade Federal do Piauí, como pré-requisito para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Professora MSC. Olívia Candeia Lima Rocha

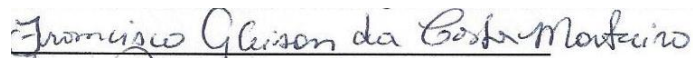
Aprovada em: 18/03/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Olívia Candeia Rocha Lima

Orientadora



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 1



Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Examinador 2

Aos meus pais amados:

Iraci Luzia e José Casimiro

AGRADECIMENTOS

Ao pesquisar e redigir esta pesquisa durante os meses de estudo, adquiri uma longa lista de dívidas intelectuais e afetivas. Não tenho como mencionar todas as pessoas, e desde já peço desculpas caso tenha esquecido alguém. Vou citar as pessoas que exerceram uma influência assídua neste trabalho.

Em primeiro lugar, aos meus pais Iraci e José que sempre estiveram comigo, pelo apoio incondicional, pela amizade, pelos conselhos e pela mais simples forma de entender e demonstrar carinho e respeito por minhas escolhas. Aos meus irmãos Rayla e Raylan, com os quais compartilho dos risos e dos momentos de descontrações que tenho com o que obtenho as energias necessárias para a realidade. Ao meu companheiro, amigo, confidente, Rodrigo que me ajudou a compreender o espaço de cada um respeitando suas limitações. Aos diálogos sobre a pesquisa no qual compartilhamos de muitas ideias e considerações que fizeram os meses voar, por me ceder sua casa para as entrevistas. Sem falar na paciência e na tolerância diante das minhas angústias e necessidades. Agradeço pelo apoio que me deu nas etapas da pesquisa e no empenho de me mostra o que realmente significa compreensão. Elas enriqueceram a pesquisa e minha vida.

Agradeço especialmente à minha orientadora Olívia Candeia que me ajudou na escolha do tema da pesquisa, que me incentivou, que possibilitou as leituras necessárias para a conclusão do trabalho, partilhou o conhecimento de suas experiências, pela paciência, pelas críticas nas quais me enriqueceram durante todos esses meses e irei levar sempre comigo cada conselho dado.

Ao professor Paulo Mafra, pela colaboração, por sua orientação e disponibilidade, por não me permitir desistir da pesquisa por conta das adversidades que encontrei no caminho e por me fazer entender e enfrentar os desafios do historiador pesquisador.

Durante o curso tive o privilégio de encontrar verdadeiros amigos com os quais compartilhamos alegrias, conhecimentos, aprendizados, deficiências, paciências. Alguns deles foram essenciais, em especial: Elierson, Gislayne Santana, Hildegardes Alves, Marcion Vital, Luzinete Moura, Rayara Herculano, Shayane Avelino, Vanessa Moura, que desde o começo estiveram ao meu lado. Também agradeço aos meus ilustres professores Gleison Monteiro, Jhony Santana, José Lins, Marylu Oliveira, que também me auxiliaram e foram muito úteis na minha formação acadêmica.

Aos entrevistados que me ajudaram na concretização dessa pesquisa que permitiram romper o preconceito e a dar visibilidade em torno do Movimento LGBT na cidade de Picos, contribuindo com este estudo através dos diálogos acerca da temática.

À Coordenação dos Direitos Humanos e ao Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual-GGOLS do município de Picos por ter me dado espaço de interação e reflexão junto aos seus componentes. Em especial aos meninos Eduardo Goleman, Edmar Ferreira, José Anderson e Patrick Allisson que me ajudaram a finalização da pesquisa, atendendo minhas intermináveis ligações a todo momento.

*Faço nosso o meu segredo mais sincero
E o desafio o instinto dissonante.
A insegurança não me ataca quando erro
E o teu momento passa a ser meu instante.
E o teu medo de ter medo do meu medo
Não faz da minha força confusão
Teu corpo é meu espelho e em ti navego
E sei que tua correnteza não tem direção.
Daniel na cova dos leões.*

(Renato Russo)

RESUMO

O estudo discorre sobre o Movimento LGBT na cidade de Picos-PI entre os anos de 2006 a 2013, ressaltando seus principais articuladores, suas causas, suas consequências que tornam o Movimento LGBT um fato histórico. Os militantes buscam dar visibilidade para toda a comunidade LGBT que compõe a sociedade picoense, mesmo que de forma oculta. Visando ponderar sobre o sentido das consideradas minorias, suas lutas e estratégias para dar visibilidade que se constitui como elemento essencial para uma maior concretização em relação as suas lutas e direitos. Tendo como base as leituras sobre as discussões de gênero, a sexualidade e os movimentos sociais, o estudo tem uma grande relevância acerca dessas questões no que se refere em luta pelo espaço de cada um. E os motivos pelo qual surge na cidade de Picos espaços de sociabilidade para discutir tais questões. Tornando o indivíduo uma produção do saber e do poder.

Palavras-chave: Movimento LGBT. Lutas. Conquistas. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

The study provides a gathering of information on the LGBT Movement in the city of Picos-PI between 2006-2013. Highlighting its main actors, causes and consequences that make community that conforms the society of Picos, as well as for those who are hidden. Aiming to reflect on the meaning of the considered minorities, their struggles and visible strategies which is the key for a bigger achievement in relation to their struggles and rights. Based on the readings of gender discussions, sexually and social movements, the study has a great relevance on these issues in relation to the struggle of defending everyone's space. And the reasons for which spaces of sociability to discuss such issues arise in the city of Picos. Turning the individual into a production of knowledge and power.

Keywords: LGBT Movement. Fights. Achievements. Genre. Sexuality.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros

AFLODS (Associação Florianense do Orgulho de Ser

ATRAPI (Articulação Piauiense de Travestis e Transexuais

CQC - Center for Culture and Recreation – Centro de Cultura e Recreação

DH – Direitos humanos

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

GGLOS – Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual

GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes)

GPTRANS (Grupo de Travestis e Transexuais);

GRUVCAP (Grupo Voluntário de Cajueiro da Praia

LGBT – lésbica, gay, bissexuais e travestis.

MOPAC LGBT (Movimento Piauiense de Assistência a Cidadania) – LGBT

ONG – Organizações Não- Governamentais

SEMTCAS – Secretária Municipal do Trabalho, Cidadania, e Assistência Social

SOMOS – *Grupo de Afirmação Homossexual* em São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1: Manifestantes na cidade de Nova York - essa luta ficou conhecida como Dia do Orgulho Gay, junho de 1969.....	28
Ilustração 2: O professor Maфра Júnior ao lado da Jovanna Baby líder do Movimento LGBT em Picos.....	43
Ilustração 3: III Parada da Igualdade na cidade de Picos no dia 16 julho 2009.....	46
Ilustração 4: VII Parada da Igualdade em Picos ocorrida no dia 23 de setembro de 2013.....	48
Ilustração 5: Imagem retrata a pop. Picoense na Parada da Igualdade dia 22 de set. 2013.....	49
Ilustração 6: Foto tirada pelo site Guia Picos.com mostram as Drags Queens de várias cidades e Estados participam da VII Parada da Igualdade em Picos em 22 de setembro de 2013.....	51
Ilustração 7: Foto tirada pelo site Guia Picos.com mostram os homossexuais marcam forte presença, juntamente com as Drags Queens na parada da igualdade em Picos.....	52
Ilustração 8: XII Parada da Diversidade em Teresina realizado no dia 25 de agosto de 2013.....	61
Ilustração 9: Casal homoafetivo na VII Parada da Igualdade na cidade de Picos, 2013.....	66
Ilustração 10: Bandeira do Movimento LGBT sendo segurada por um de seus militantes.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 SEM LIMITES, SEM FRONTEIRAS: O PROCESSO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE COMO QUESTÃO DE LUTA E DIREITO.....	26
2 A VOZ DA IGUALDADE: O MOVIMENTO LGBT ESTÁ VIVO DENTRO DA SOCIEDADE PICOENSE 2006-2013.....	40
3 CONCRETIZANDO A IGUALDADE: CADA UM BUSCANDO SUAS LEIS, SEUS DIREITOS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
ENTREVISTAS.....	73
REFERENCIAS.....	74
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Esse estudo trata sobre a questão do movimento LGBT na cidade de Picos. Trazemos para essa discussão as principais articulações de concretização desse movimento. É nesse sentido que são analisados seus comportamentos, gestos e palavras que estão presentes nos seus sujeitos. De início, é necessário ressaltar uma breve observação sobre a questão da sexualidade nos seus primórdios, em que a sexualidade vivida era considerada um afrontamento diante de uma sociedade tão conservadora enraizada aos dogmas religiosos.

De acordo com o autor Schwartz (2009), a intolerância religiosa em relação à homossexualidade, a bigamia, a bestialidade, o adultério, a fornicação, o concubinato e o assédio dos padres com as mulheres eram condenados como atos e pensamentos impuros. Os religiosos teriam que rebater tais atitudes e controlar a sexualidade, o que seria um grande desafio, e para que isso acontecesse estavam dispostos a levar a mensagem com força para a sociedade. A prática de atos impuros era considerada crime, os tribunais inquisitoriais condenavam quem praticasse tais atos, levando esses pecadores às mais diversas punições, como a fogueira e o esquartejamento, que serviam de exemplo para as outras pessoas não cometerem os mesmos pecados.

As reflexões de Foucault são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, que serviu de base tanto para a metodologia quanto para fundamentação teórica, ao abordar as relações entre a sexualidade, o poder e o conhecimento. Para Foucault (1984), o conhecimento sobre a vida não pode ser neutro, pois este conhecimento dá lugar a determinadas intervenções que influenciam e modificam a própria organização da sociedade. Foucault aponta ainda a construção do heterossexual como um novo personagem social que passou a encarar a norma sexual. Os termos homossexual e heterossexual foram inventados em meio ao esforço de estabelecer uma ligação direta entre o comportamento sexual e identidade sexual.

Segundo Foucault (1984), nas sociedades gregas e romanas, o paganismo antigo teria dotado o ato sexual de significações positivas: a delimitação de um parceiro legítimo não era imposta por uma regra monogâmica e procriadora e as relações entre indivíduos do mesmo sexo não eram desprezíveis, na Grécia teriam sido exaltadas e na Roma teria sido aceita. Os antigos eram indiferentes à fidelidade monogâmica, relações homossexuais e castidade, pois

suas atenções não estavam voltadas para eles como problemas agudos. A prática da liberdade ativa era voltada para os homens, para sua virilidade, seu poder de desenvolver as tecnologias e estéticas de si, em consequência dominando seus próprios prazeres e os que não possuíam controles sobre si próprios como: mulheres, crianças, escravos e homens afeminados. A questão da passividade não está voltada apenas para o sexo feminino, mas também aos homens que não possuíam o domínio dos seus prazeres.

Um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-lo de feminidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca, um homem que não é suficientemente dono dos seus prazeres – pouco importa a escolha do objeto que faça – é considerado feminino [...] A negatividade ética por excelência, não é, evidentemente, amar os dois sexos; também não o é preferir seu próprio sexo ao outro; é ser passivo em relação aos prazeres (FOUCAULT, 1984, p. 79).

Para Foucault (1984), na cultura clássica da Grécia, o que distingue o homem afeminado e/ou passivo, de um homem viril e/ou ativo, não coincide com a distinção moderna entre homo e heterossexual, sendo a homossexualidade uma categoria pouco adequada para problematizar e analisar a experiência grega dos prazeres entre os homens. No entanto, de fato, o uso dos prazeres na relação com os rapazes foi tema que provocou inquietações marcantes, do ponto de vista moral e teórico. Para os gregos, esse tema não era importante pelo fato da necessidade ou urgência de ser criada uma categoria para o homem viril ou afeminado e, em seguida, definir qual das duas seria mais propícia à liberdade e ao exercício da cidadania. A problemática da questão, para os gregos antigos, se dava pela natureza do amor que não poderia ser direcionada ou controlada apenas para o próprio sexo ou para o sexo oposto, assim um comportamento amoroso com um rapaz não excluiria outro com uma moça.

Trazendo essa discussão para os dias atuais e comparando essa sexualidade não permitida para o Piauí, é preciso identificar a postura masculina que é esperada e ao mesmo tempo pressionada pela sociedade piauiense. Sobretudo, foi na intrigante observação dos comportamentos sociais acerca dos homens, que ultimamente envolve em suas características como força de poder, de reprodução e de controle, esses sujeitos através dos tempos tendo como principais bases de ideais e a normatização do corpo voltado para a heterossexualidade, através dos quais o homem piauiense para ser aceito e ser considerado homem-macho, homem viril deve se deitar com inúmeras mulheres para que se possa concretizar a imagem natural de masculinidade primitiva.

Segundo Albuquerque Júnior (2003), o homem nordestino é definido como um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade, capaz de se contrapor as transformações históricas em curso desde o começo do século vista como feminizadora da sociedade e que levavam a região ao declínio.

Levando em consideração a figura do macho que é implantada pela sociedade percebe-se que o nordeste precisa ter a figura do homem capaz de resgatar esta virilidade, um homem que luta contra toda essa feminilidade que o mundo moderno proporciona e que até as mulheres nordestinas teriam que ser masculinas por meio dos próprios discursos masculino da região. O nordestino como já foi relatado tem que ter dentro de suas principais características a figura do cabra macho, do ser forte, o homem de fibra aqueles que não seguiam essas regras eram estereotipados considerados imundos e excluídos da sociedade.

No estudo feito por Castelo Branco (2008), ele destaca que a prática escriturística dos literatos do século XX, nos deixa a par da estrutura masculina que era imposta pela sociedade na época, o homem era tido como macho provedor do lar exigia também uma formação mais aprimorada. Era fundamentais que fossem saudáveis, que tivessem corpos rígidos, livres de doenças e vícios que poderiam comprometer seu desempenho e utilidade na sociedade para serem bons cidadãos, conscientes de seus deveres para com suas famílias e sua pátria. Temos a partir dessa análise uma visão da sociedade machista na qual o homem não teria escolhas de suas próprias relações, pois comprometeria seu bom convívio na sociedade perante todos. As mudanças estão presentes nos dias de hoje de forma direta ou indiretamente exigindo do ser humano uma camuflagem de seus desejos, de sua orientação sexual para não se corromperem e não denegrirem a imagem do homem provedor, forte, ativo ciente de sua sexualidade.

Sobretudo, é através desses discursos que procuramos instigar/investigar as causas, consequências e importâncias do movimento LGBT, como também de todos os elementos que fazem parte desse fato histórico que acontece na cidade de Picos entre os anos de 2006-2013, procurando dar visibilidade ao movimento LGBT, apresentando sua origem na cidade de Picos, inspiradores e fundadores, bem como toda essa comunidade LGBT que tem ganhado força dentro dos espaços sociais na cidade de Picos.

A questão norteadora desse estudo monográfico foi: quais principais estratégias que foram utilizadas pelo movimento LGBT em Picos para dar mais visibilidade as suas reivindicações? É através dessa que os objetivos específicos da pesquisa foram estruturados, e

são: caracterizar o movimento LGBT; descrever as estratégias que foram utilizadas pelo movimento LGBT; identificar as transformações ocorridas no espaço social da cidade de Picos após a realização das paradas LGBT e qual a importância dos sujeitos militantes que atuam de forma assídua para uma maior concretização em relação às suas lutas. Visa também fornecer dados para novas pesquisas no intuito de que o Movimento LGBT e toda sua comunidade ganhem seus espaços, suas leis e direitos na cidade de Picos. Essa pesquisa busca ponderar sobre o sentido das consideradas minorias, procurando entender como o movimento LGBT ganha força e visibilidade que se constitui como elemento primordial para a pesquisa.

Relacionar essa pesquisa com aspectos históricos nos faz caracterizar o estudo em que a história tem por objetivo central o homem, pois é uma pluralidade que se associa a uma ciência de diversidade. A história também estuda as relações sociais, os grandes e pequenos acontecimentos, as diversas culturas, a realidade concreta e vivida relacionando entre o passado e o presente para dar ênfase aos protagonistas e antagonistas da sociedade.

Para Bloch (2001), a história estuda como o conhecimento dos homens discorre sua posição específica em relação ao problema de expressão. Fazendo repensar se a história é apenas uma ciência do passado, sendo que a própria ideia de que passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda. A historiografia traz as estruturas necessárias para a consolidação do que é história e como se faz história. O papel do historiador não é apenas de pensar o homem, também não pode deixar de lado o tempo procurando relacionar o homem, no tempo. De fato, uma ciência não se define apenas por seu objeto, mas também pela natureza de seus métodos relacionando o passado com o presente, dando foco ao problema da observação histórica.

Acreditando que a história é uma ciência que estuda as transformações históricas e sociais da sociedade, os movimentos sociais têm grande relevância nesse sentido, pois a cidadania está hoje por toda a parte, por todo o mundo, mesmo que com sentidos e intensões diferentes, e está estritamente ligada aos movimentos sociais de todos os tipos urbanos, sejam eles, os movimentos das mulheres, negros, ecológicos, homossexuais entre outros e dentro desses movimentos sociais, a luta por direitos tanto no que se refere aos direitos de igualdade ou como direito à diferença, tem por base uma nova noção de cidadania organizando estratégias de democracia e transformação social.

Segundo Jenkins (2009), o Pós-Modernismo é o que representa a mudança das situações que eram aceitas e controladas por grande parte da sociedade, ou seja, aquela ideia

de que o homem tinha que conquistar suas realizações e ambições por seu próprio mérito, não por seu valor baseado no nascimento ou pelo nome da família, essa conquista não teria que ser dada e sim conquistada, lutada. Ainda, o pós-modernismo não se encaixa nas correntes que são tendências, não é esquerda, nem direita e nem centro. Suas bases estão ligadas as reviravoltas mais amplas no campo socioeconômico, político e cultural.

Assim, observa-se a distinção entre passado e história, emergindo a problemática da história. Em seguida, os estudos historiográficos, também nos servem para examinar como as histórias anteriores e atuais foram construídas tanto no aspecto metodológico quanto no conteúdo. É preciso historicizar o tema, pois esta característica torna-se o ponto de partida para um historiador refletir sobre sua atividade.

Segundo Portelli (2005), a tarefa de interpretar criticamente os depoimentos e as narrativas é necessária. Pois quando se fala em memória dividida, não se deve pensar em um conflito entre memória comunitária e espontânea, ou ainda naquela oficial e ideológica, de forma que, uma vez desmembrando essa última se possa assumir essa autenticidade não mediada da primeira. Na verdade, estamos em contato com a multiplicidade de memórias fragmentadas e divididas, sendo que todas de uma forma ou de outra, estão ideologicamente e culturalmente mediadas. Temos que ter cuidado se analisar, questionar, investigar a estrutura e o significado da construção narrativa dos eventos.

É exatamente porque as experiências são incontestáveis, mas devem ser contadas, que os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política. As narrativas resultantes- não a dor que elas descrevem, mas as palavras e ideologias pelas quais são representadas não só podem, como devem ser entendidas criticamente (PORTELLI, 2005. p. 108.).

Temos que considerar que a memória está, de fato, relacionada à história e ao tempo, aplicando-se também ao espaço. Relacionando as memórias narrativas dos informantes do Movimento LGBT em Picos, percebemos que é sim um fato histórico e específico. Não diminui seu espaço, mas o concentra subtraindo-o do universalismo genérico para dotá-lo do conflitante de uma narrativa em contraposição a outra.

Ainda de acordo com Portelli (2005), as representações e os fatos, não estão em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos sendo esses reconhecidos e organizados de acordo com as representações, tanto os fatos quanto as representações convergem na subjetividade dos seres humanos e envoltos em sua linguagem. Essa junção

torna-se o campo específico da história oral, que é tida como história a partir dos fatos reconstruídos, mas também sua prática de campo dialogado e sua confrontação crítica para com os narradores, podemos assim compreender as representações.

É dever do historiador, não apenas considerar o fato, e sua omissão no depoimento de um indivíduo, como uma representação, mas também como eles se interlaçam um no outro. Não se pode esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais. E de fato, se toda memória fosse coletiva, bastava uma testemunha para uma cultura inteira. Cada indivíduo é essencial nos tempos e nas sociedades modernas, exclui memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma sucinta. Assim, como todas as atividades humanas, a memória é um setor social e pode ser compartilhada, pois cada indivíduo tem algo a contribuir para a formação da história social.

No movimento LGBT as memórias são coletivas e ao mesmo tempo discursos individuais que tem como bases resistências, lutas, preconceitos e vitórias de cada participante ativo. O que prevalece é a pluralidade fragmentada de diferentes memórias sendo elas múltiplas e divididas. “São resultantes da percepção e da avaliação fragmentada daquele acontecimento vital” (PORTELLI, 2005, p. 129). Trabalhar com o Movimento LGBT, faz com que as memórias desses militantes se tornem vivas dentro do contexto social picense, considerando as memórias do movimento LGBT em núcleo sólido, impenetrável ao pensamento, imune a história e a política.

Segundo Calvino (2005), ao se analisar história escrita e não-escrita é preciso lançar um olhar mais atento ao meio em que está inserido. Onde tudo que se tem acesso como: rádio, televisão, internet pertencem a um discurso construído por terceiros. A tarefa do escritor é de combater as linguagens que não tem por base as coisas mais simples que são ditas diretamente e os substantivos concretos, mas a linguagem do dia-a-dia, que costumava a ser fonte viva na qual os escritores iam beber, não escapou da contaminação. Ler não se torna um exercício óptico, e sim um processo que envolve mente e olhos, ou seja, é extrair o concreto das situações abstratas, como identificar sinais específicos, reduzir o que vemos a elementos mínimos, descobrir em nossa realidade, diferenças, exageros, repetições, regularidades. Como historiadores, o que se deve fazer é renovar a relação entre linguagem e escrita, fixando nossa atenção em um objeto qualquer, seja ele o mais trivial e familiar procurando descrevê-lo minuciosamente, como se fosse algo novo e interessante do mundo.

A autora Freitas (2006), analisa as potencialidades da história oral que está voltada para o fato de que elas mesmas podem ser utilizadas fora dos limites da cultura acadêmica: nos meios de comunicação, nos museus, nos teatros e outras instituições. O projeto de história oral expandiu caminhos para a exploração da história local e de temas contemporâneos possibilitando a discursão e o sentido de cooperação no grupo, desenvolvendo habilidades próprias de linguagens. A história oral possibilita novas versões da história quando se dar voz as múltiplas e diferentes narradores. Fazendo com que a história seja uma atividade mais democrática, já que permite produzir história com as próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado momento. Esse método de história oral permite o registro das reminiscências das memórias individuais, a análise do passado, tornando-a uma história alternativa a história oficial.

Mas a fonte oral é o resultado da relação e interação entre informante e pesquisador, por isso considero fundamental que este trabalho seja feito por um historiador/sociólogo ou, no mínimo, que o projeto seja orientado por um desses profissionais, levando-se em conta a formação específica e os métodos de pesquisa e análise do cientista social. Entretanto, o resultado de uma pesquisa em História Oral irá depender da cultura histórica do pesquisador e da sua base teórica (FREITAS, 2006, p. 54).

Assim, os depoimentos que resultam das fontes históricas tornam-se o estudo mais enriquecedor do período ou tema detalhado, podendo derrubar barreiras, revelar novos campos de investigação, alterar o enfoque da própria história podendo desenvolver nas pessoas que participaram e concretizaram a história de um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Segundo Chartier (2005), os historiadores modernistas conseguem despertar os arquivos adormecidos, explorar os recursos acumulados. Essa história moderna multiplicou as questões para as quais não existem respostas disponíveis. Para o modernista, o historiador do tempo presente permite construir observatórios ajustados a sua preocupação que parecem romper as condições de impasses que limitam a investigação histórica. Relaciona também o historiador do tempo presente à inveja de seu objeto que é partilhada com aqueles cuja história narra as mesmas categorias essenciais. Para os historiadores do tempo consumado, o conhecimento histórico é sempre menor fazendo com que as distâncias entre a compreensão que tem de si e a dos personagens históricos, tornem visíveis e concretas as maneiras de sentir e de pensar.

Os numerosos trabalhos dedicados às modalidades de construção, de institucionalização e de expressão da, ou melhor, das memórias contemporâneas foram decisivos para o início de novas pesquisas que, em todos os períodos históricos, as formas múltiplas e possivelmente conflitantes de rememoração e utilização do passado (CHARTIER, 2005, p. 216).

O historiador do tempo presente evidencia melhor as diferenças entre a ficção e a história, que tem por base na ambição da história de ser um discurso verdadeiro, capaz de dizer o que realmente aconteceu. Podemos assim, nos questionar em que condições se podem considerar um discurso histórico como verdadeiro, sendo ele capaz de reproduzir. É difícil chegarmos com exatidão a uma resposta, pois reconhecemos a história do tempo presente pela natureza de sua preocupação, da historicidade das condições de produção e da validação do saber histórico, envolvendo nosso ofício à exigência de conhecimentos verdadeiros que os fundamente.

Com a teoria psicossocial, temos Halbwachs (2006), que estuda as relações de memória e história. Ele enfatiza a questão da memória voltada para o social, às lembranças das testemunhas, no sentido comum, os indivíduos não precisam não são necessários de uma forma material e sensível. As lembranças que várias pessoas reuniam ou até mesmo uma pessoa, permitem descrever os fatos ou os objetos que são vistos ao mesmo tempo, e reconstituir toda a sequência dos atos e das palavras dentro das circunstâncias definidas é necessária. O autor Halbwachs (2006), salienta que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar seja por meio de imagens ou ideias atuais. Tornando-se indispensável o fato de que em um grupo e o memorialista se tenha uma identidade, através da qual se evidencie uma memória coletiva. O Movimento LGBT se enquadra, pois o caráter coletivo da memória atribui uma função social tendo um ponto de vista histórico mediante os indivíduos que participam ativamente nos permitindo reavaliar e expor o depoimento oral como fonte para o historiador.

A discussão que envolve a natureza da memória nos traz também a análise do autor Pollak (1989), essa abordagem de memória coletiva se dar pelos processos e atores que intervêm no trabalho da constituição e de formalização das memórias. Quando se analisa a imagem dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral se destaca trazendo a tona as memórias subterrâneas que se opõem à memória nacional. Diferente de Halbwachs, essa memória tem um caráter mais uniformizador da memória coletiva nacional. Essa memória subterrânea é voltada para um silêncio que em momentos de crise ganham

visibilidade. O que está em evidência na memória é o sentido da identidade individual e do grupo. Onde uma história por meio da entrevista oral pode ser representada por inúmeras maneiras em função do contexto social no qual é relatada. Mas tanto no indivíduo quanto no grupo, tudo se passa com coerência aos sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade.

Os movimentos sociais trazem à tona as inquietudes de uma parcela da população que estão insatisfeitas com as normas intituladas pela a maioria das pessoas que constitui a sociedade ou pelo fato de não se sentirem amparadas como, por exemplo, o Movimento Feminista, o Movimento Negro, o Movimento LGBT. Relatar esses acontecimentos marcantes dentro do contexto social é dever do historiador procurando ressaltar as diretrizes que compõe as causas, seus militantes e suas conquistas.

Para Dagnino (1994), não se trata de recusar a diferença, mas de entender o que ela designa. No movimento feminista, por exemplo, a existência de um vínculo intrínseco entre a igualdade e diferença tem sido uma tendência importante. No campo da direita, a diferença sempre emerge como defesa da desigualdade. No campo da esquerda, que é o campo da cidadania, a diferença emerge enquanto reivindicação na medida em que determina uma desigualdade. A relação de diferença está ligada à reivindicação no sentido de existir como tal, sem que tenha como consequência, o tratamento desigual, a discriminação.

Estudar o movimento LGBT na cidade de Picos entre os anos de 2006 – 2013 está ligado a incorporar aos estudos sobre gênero uma nova possibilidade de visibilidade das questões articuladas dentro do movimento LGBT. As discussões que envolvem a temática da sexualidade estão em evidência nos centros acadêmicos, jornais, revistas enfim nos meios de comunicação tornando assim a temática mais acessível e discutida para que se tenha mais tolerância diante das diversidades existentes dentro do contexto social que integram hoje a sociedade em busca de uma vida melhor. Os movimentos sociais existem na intensão de exercer uma luta pela construção da democracia e pelo seu aprofundamento dependendo de sua estratégia política.

Dessa maneira, o presente estudo se torna um fato histórico por está ligado as lutas e reivindicações da comunidade LGBT da cidade de Picos , aonde essa comunidade LGBT vem acompanhando, participando e buscando direitos de forma democrática, pois sabemos que o preconceito é histórico com essa parcela da sociedade e que tem por consequência

violências que são motivadas pelo preconceito homofóbico, discriminação e intolerância sexual. Justificando ainda poucas pesquisas voltadas para essa temática mesmo em centros acadêmicos tornando o estudo mais restrito, mas que aos poucos estão sendo barrados.

O presente estudo tem como referências metodológicas, a pesquisa bibliográfica, as fontes orais, através das pesquisas realizadas, as imagens, que retratam os militantes do movimento LGBT na cidade de Picos. Em relação à imagem o trabalho da autora Mauad (1996) serviu de base para as análises das imagens que compõem a pesquisa.

No entanto, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 3).

As imagens são representações concretas de espaços, momentos ou pessoas que passa uma mensagem que se faz através do tempo, a imagem serve tanto para representar um documento, quanto um monumento, com testemunho direto ou indireto do passado. Elas falam por si só e com a partir de suas análises se podem ter uma noção de uma sociedade ou de uma época.

Dessa maneira, caracterizando os sujeitos ativos, pois estamos lidando com fontes vivas tornando o trabalho bidirecional, assim, aprendendo com ela. Trabalhar com história oral proporciona mais veracidade ao estudo, pois é com a entrevista que existe uma aproximação com o interlocutor, tendo uma análise analítica em cima das principais questões que norteiam a pesquisa.

Em relação às fontes orais, os entrevistados estão entre a faixa etária de 18 a 50 anos de idade, entre eles se têm cinco rapazes homossexuais e uma Transgênero todos participam do movimento LGBT e da Parada da Igualdade na cidade de Picos e compõem um grupo representativo na cidade de Picos – PI, destaca-se o GGLOS – Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual que organiza as Paradas da Igualdade desde 2006 até 2013- que acontecem na região e às vezes na macro região são eles: Jovanna Baby, líder do Movimento LGBT desde 2006 e coordenadora da secretária dos Direitos Humanos na cidade de Picos, luta pelas causas das minorias, 50 anos de idade, transgênero. José Anderson, estudante, 29 anos de idade, ensino superior incompleto, homossexual. FELF, 25 anos de idade, estudante, homossexual. Patrick, 20 anos de idade, estudante, homossexual. Jonh Elton, 17 anos de

idade, estudante, homossexual. Professor Mestre Paulo Mafra Júnior, é um estudioso sobre a temática que envolve sexualidade, homossexualidade, violências homofóbicas, 35 anos de idade, curso superior completo, homossexual. Foi utilizada a entrevista realizada pela revista *Revestres* com a participação da Marinalva Santana, líder do movimento LGBT e do grupo Matizes da cidade de Teresina, em que ela relata os mais diversos assuntos voltados para a questão LGBT, visibilidade das paradas da igualdade, as violências e sua aproximação com o Movimento LGBT e a organização do grupo matizes em Teresina. Ela tem 42 anos de idade, possui curso superior completo, é advogada e lésbica.

Foi usada uma espécie de roteiro nas perguntas que norteou o desenvolvimento das entrevistas. Outro aspecto que considerei foi à escolha dos meus depoentes em relação ao local das interlocuções, considerei na intenção de se sentirem a vontade e termos um bom diálogo. Nos depoimentos cada sujeito da pesquisa determinou o uso ou não de pseudônimo, que só foi utilizado pelo entrevistado FELF.

Minhas maiores dificuldades estão relacionadas em dois pontos que se tornaram obstáculos para o desenvolvimento desta pesquisa: o primeiro está voltado para o próprio preconceito que enfrentei por pesquisar essa temática, por não ser uma militante da causa, com isso uma das preocupações é a de não ter uma escrita homofóbica e procurar evidenciar o movimento LGBT em si, sem deixar de citar o estranhamento dos próprios participantes em perceber que o movimento LGBT é um fato histórico na cidade de Picos, sendo muitas vezes deixadas de lado as informações importantes que foram sendo perdidas ao longo dos anos por falta de interesses ou mesmo por falta de conhecimento, mas devido à aproximação através das atividades realizadas pelas palestras, seminários esse contato assíduo com a comunidade LGBT, a produção das fotos tiradas nos eventos como a pré-parada e a parada da igualdade tornaram a pesquisa e o contato enriquecedor no sentido de repassar as experiências e o aprendizado adquirido durante a pesquisa.

A segunda foi na dificuldade de manter algum contato com o grupo das lésbicas, esse contato foi procurado por muitas vezes, e nenhum retorno foi considerado através das ligações ou por redes sociais, nem mesmo por amigos em comum isso possibilitou para que se fosse possível de forma substancial à visão das experiências e lutas dos elementos que compõem a comunidade LGBT na cidade de Picos. Pode ser que esteja relacionado ao significado que cada grupo tem por militância, que de acordo com o dicionário significa ser membro ativo de

uma causa e que possivelmente os grupos de lésbicas e de travestis não se sintam abraçados com a causa aqui na cidade de Picos justificando assim a ausência dos outros grupos LGBT.

O que se pode perceber é que o Movimento LGBT na cidade de Picos se tem a maior concentração de homens homossexuais tanto dentro do Movimento LGBT quanto nas Paradas da Igualdade que acontecem na cidade de Picos durante os seis anos que já se passaram. O percentual dos grupos que são compostos por lésbicas, travestis é realmente reduzido, tanto que não pude trazer para acrescentar a pesquisa. Porém, deixo bem claro, que minha intenção de pesquisar esse tema foi alcançada, pois direciono na questão do Movimento LGBT em si e nas Paradas da Igualdade que se tornam fatos históricos na sociedade picoense.

O que levou a escolha dessa temática, primeiramente, envolve o âmbito acadêmico, pois dentro das discursões sobre gênero é possível perceber que o maior debate está voltado para a história das mulheres e em seguida sobre masculinidade e em menor percentual a questão da homossexualidade. O papel do historiador/pesquisador/professor, é justamente, de possibilitar os espaços e visibilidade a todos os participantes ativos que compõe a sociedade independente de sua raça, política, etnia, religião e orientação sexual; a segunda está voltada as análises dos sujeitos que participam das Paradas da igualdade na cidade de Picos como espectadora possibilitou um olhar curioso diante das Paradas da igualdade à coragem de irem às ruas e levantar a bandeira do Movimento LGBT. Mesmo diante das adversidades a pesquisa está apresentada através de três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado **“Sem Limites, Sem Fronteiras: O processo histórico da sexualidade como questão de luta e direito”**, apresentamos o resultado dos estudos acerca dos movimentos sociais que serviram de base para o movimento LGBT no Brasil. Evidenciando as transformações ocorridas dentro do contexto social, ético e político relacionando às questões da sexualidade, das lutas em que os movimentos sociais buscam na intensão de assegurar seus direitos como algo que liberta a luta contra o racismo, o preconceito e a violência de gênero.

No segundo capítulo, **“A voz da igualdade: O movimento LGBT está vivo dentro da sociedade picoense 2006-2013”**, apresentamos as discursões acerca das modificações e transformações dentro das sociedades sob a ideia do mundo contemporâneo presente. Momento que discuto as articulações do movimento LGBT na cidade de Picos para o entendimento de sua construção e visibilidade que representa toda uma comunidade LGBT, destacando seu início, suas diretrizes, resultados e o choque das paradas da igualdade.

No terceiro capítulo, sob a expressão: **“Concretizando a igualdade: Cada um buscando suas leis, seus direitos”**, descrevemos os direitos LGBT no sentido de dar um passo e atravessar as fronteiras impostas pela sociedade durante séculos. A luta pelo reconhecimento aos direitos dos homossexuais, bissexuais e Transgênero que ganham a cada dia força e visibilidade contra o combate a homofobia. Trago também o debate sobre as principais metas de organização para seus reconhecimentos dentro de uma sociedade interiorana.

1 SEM LIMITES, SEM FRONTEIRAS: O PROCESSO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE COMO QUESTÃO DE LUTA E DIREITO

De acordo com Maar (1994), a democracia é de fato um dos principais objetivos dentro dos movimentos que ganham visibilidade dentro do contexto social em todo o Brasil. Seus participantes se integram em uma união garantindo as diversidades de seus interesses, respeitando sua livre expressão, veem o movimento como verdadeiramente seu e cada participante tem sua própria força, tem seu compromisso com a coletividade, com a comunidade, com as associações. Assim, propomos problematizar a dinâmica do movimento LGBT e a visibilidade em torno dos sujeitos sexuais que participam da Parada da Igualdade em Picos.

Fica claro que para muitas pessoas essa questão de sexualidade está ligada somente ao corpo, o desejo sexual é imaginado, exige satisfação, evidencia o sentimento e nos impulsiona para a reprodução da espécie. A sexualidade é vista como fenômeno social, pois está presente em instituições como o namoro, o casamento, a família e a procriação. E a sexualidade é um dos pontos centrais que giram em torno dos acordos e contratos que definem essas instituições.

Discutir as práticas sexuais humanas não é uma novidade na literatura clássica renascentista, por exemplo, que abordou a temática de forma crítica o comportamento da nobreza e do clero. “A partir do século XVIII, a sexualidade humana tornou-se, para os pensadores iluministas, um tema importante nos debates relativos à criação da vida, à moralidade e à ordem social” (SIMÕES, 2009, p. 168).

A influência cultural torna-se importante dentro desse contexto, pois nela também se produzem seus inadaptados, ou seja, aquelas que fogem às regras que não estariam ligados em seus próprios comportamentos e sim no seu significado cultural. A cultura tem forte presença nesse aspecto por atuar juntamente com formação de uma sociedade, de um povo ou mesmo de uma crença dando significados intencionais para uma população, sendo que é através da cultura que identificamos as raízes de formação de um povo e suas principais características. Cada sociedade tem suas próprias características, ou seja, ela varia de uma sociedade para outra e cada uma está restrita as suas próprias normas e regras. É dentro da sociedade que cada uma tem seus espaços sociais tanto para homens como para mulheres e são nesses

espaços que percebemos as desigualdades sociais. O estudo de gênero procura justamente eliminar as questões que se refere à diferença sexual tornando-se variável e flexível.

Segundo Bandinter, o gênero que hoje é considerado uma categoria cultural, antes dos Séculos das Luzes o ser homem ou mulher, é antes de tudo uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural e não um ser biologicamente oposto a outro. Mesmo existindo diferenças entre os sexos isso não faz com que a hierarquia permaneça.

A partir de todas essas inquietações é preciso evidenciar as transformações ocorridas dentro do contexto social, ético e político relacionado às questões da sexualidade, das lutas em que os movimentos sociais tornam-se base para assegurar os direitos dos sujeitos ativos que integram essa mesma linha de pensamento e veem os movimentos sociais como algo que liberta a verdadeira luta contra o racismo e a violência de gênero. O próprio movimento feminista serve de exemplo, pois dentro do movimento suas raízes de luta e conquista pelos direitos das mulheres, onde confrontam de frente com a dominação masculina, sendo esse homem o centro de suas reivindicações e a questão da heterossexualidade tona-se outro ponto de apoio para essa ordem social. Entretanto, o movimento feminista mostra que por meio de lutas suas conquistas podem se concretizar. O movimento LGBT está associado a restrições legais e medidas ao comportamento homossexual, onde estão voltados para seus padrões de comportamentos em relação à sexualidade, padrões de estéticas e de vestuário que por fim gerou um tipo de conduta reversa, e que os próprios homossexuais passaram a se enxergar como categoria passando a criar laços de identidade e esferas de sociabilidade. Essa Identidade Gay está ligada ao crescimento das cidades dessa maneira foi organizado o movimento homossexual. Ao analisar a bibliografia do Movimento LGBT podemos ressaltar que seu crescimento se deu no final da década de 40 com o objetivo de desconstruir a imagem negativa dos homossexuais.

De acordo Fry (1991), passaram a surgir espaços que estavam destinados a desconstrução dessa imagem negativa em torno do homossexual o CQC (Center for Culture and Recreation), localizado em Amsterdam, foi criado por grupo pessoas que escreviam sobre homossexualidade eram conhecidos como o Levensrecht ou “Direito de Viver” essas pessoas investiam na sociabilidade e junto às autoridades para combater a intolerância para com os homossexuais. Na década de 1950 o Mattachine Society, um grupo clandestino, que era composto pela esquerda socialista norte-americana voltava-se para a construção de espaços de sociabilidades, promovendo discussões sobre homossexualidade muitas vezes essas palestras

eram acompanhadas por médicos e psiquiátricas. Surgiu também o Grupo *Daughters of Bilitis* liderado pelas lésbicas. Em outros países surgiram também grupos como Arcadie na França, Foubert 48 na Dinamarca.

Ilustração¹ Manifestantes na cidade de Nova York essa luta ficou conhecida como Dia do Orgulho Gay, junho de 1969.



Fonte: disponível em <<http://www.google.com.br> acessado em outubro de 2013

Para Fry (1991), nesse momento a visibilidade cresce em torno do Movimento Homossexual todas acompanhadas por um discurso de liberação e autoafirmação. Seu clímax surgiu na cidade de Nova York em 1969, que ficou conhecido como a revolta de Stonewall os homossexuais se encontravam em um bar e eram constantemente abordados pela polícia dessa maneira partiram para o confronto e essa luta ficou conhecida como o Dia do Orgulho Gay onde cada dia que passa ganha mais visibilidade em todas as partes do mundo.

Essa revolução é, para o movimento homossexual, algo parecido como a tomada da Bastilha para a revolução francesa. Na noite do dia 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em *Street Christopher*, a rua mais movimentada da área conhecida como o “gueto” homossexual de nova York (FRY, 1983, p.96).

Nesse contexto de novas lutas representado pelos movimentos feministas, pelos movimentos ligados à raça, ao movimento estudantil que surgiram no Brasil no final dos anos de 1970 culminando com o fim da ditadura, florescem as lutas em torno da liberdade de

expressão da sexualidade que até então vivem em condições de afastamento do espaço público e social da heteronormatividade em meados dos anos 1980, buscaram invadir esses espaços sociáveis que lhes eram negados e foi onde surgiu o grupo Somos – *Grupo de Afirmação Homossexual* em São Paulo e a circulação do Jornal Lampião da Esquina no Rio de Janeiro. Tanto o movimento feminista como o movimento LGBT são importantes no que se refere ao processo de politização das questões a intimidade e a vida sexual é nesses movimentos que se levantam a bandeira dos direitos ao livre uso do corpo e liberdade da sexualidade.

De acordo com Louro (2004), na década de 1970 o movimento de organização homossexual era, ainda, tímido; suas reuniões eram consideradas clandestinas. Aos poucos que foi ganhando espaço e força para visibilizar o movimento através das artes, na publicidade, na música, no teatro. Nos centros urbanos a homossexualidade deixa de ser vista como uma condição uniforme e universal e passa a ser compreendida como atravessada por condições de classe, etnia, raça e nacionalidade. Seus militantes e apoiadores tornam-se mais visíveis e assumem um caráter inovador. Sua luta se pluraliza, procuram uma integração social, criticam a heteronormatividade para as feministas lésbicas o caminho é a separação a construção de uma comunidade e de uma cultura própria. Para fazer parte da comunidade homossexual era preciso que o indivíduo assume tornando público sua condição. Também no Brasil no final dos anos 1970 o movimento homossexual ganha mais força através das discussões e de ativismo.

Sem romper com a política de identidades, colocam em discussão sua concepção como um fenômeno fixo, transhistórico e universal e voltam suas análises para as condições históricas e sociais do seu surgimento na sociedade ocidental (LOURO, 2008, p. 33).

No âmbito do debate brasileiro dos anos 1970, o trabalho do antropólogo Fry (1991) ganha destaque as áreas voltadas para os estudos sobre homossexualidade, cultura e política que serve de ponto de partida para abordagens sobre sexualidade no contexto histórico e social. Fry (1991) argumenta que as práticas e ideias ligadas à homossexualidade variam de cultura para cultura, e de segmento para segmento numa sociedade, que na passagem do século XIX para o século XX, a compreensão do homossexual é dotada de uma natureza singular que suas tendências de se acreditar que homossexuais masculinos e femininos são biologicamente tão diferentes quanto os heterossexuais, que seu comportamento é mais compreendido psicologicamente ou biologicamente do que socialmente. Ele traz a

hierarquização popular onde as práticas homossexuais estão englobadas em uma hierarquia de gêneros destinando ao homossexual masculino o termo bichas, boiolas, doentes em termos destinados ao seu papel sexual. Essas colocações tornam as palavras pejorativas o entendido e o gay passou a denominar pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo sem que adotassem os trejeitos.

Se autodenominar de “bicha” veio a ser uma maneira de “assumir” uma homossexualidade considerada mais “consciente” do que a dos gays e “entendidos” e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral (FRY, 1991, p. 25).

Dessa maneira, o movimento LGBT possui a emergência das defesas em busca dos direitos homossexuais no Brasil colaborando para a expansão do modelo igualitário-moderno, que se encontrava nas classes médias urbanas. Esse emergente movimento político homossexual tende a incorporar a crítica aos papéis de gêneros, implantadas pelo feminismo.

Segundo Facchini (2005), em História das lutas LGBT no Brasil, não podemos entender a trajetória do movimento sem pensar nos fatos ocorridos no passado que de certa maneira influenciaram na sua constituição, ressaltando também a importância dos fatos acontecidos fora do Brasil. Que contribuíram na formalização do movimento LGBT e em sua composição que o torna importante com suas peculiaridades e aspectos precisos. É com identidade homossexual que se constrói os novos direitos e deveres diante do Estado e da sociedade contemporânea. E é por meio das performances e práticas sexuais sejam elas coletivas ou individuais, que são consideradas fundamentais para evidenciar suas identidades que é a exigência mínima para o reconhecimento da existência de subcategorias da homossexualidade em torno dos discursos postos pela sexualidade.

Segundo Júnior Mafra (2011), a emergência da liberdade individual possui estreita relação à identidade gay, pois está se apresenta como referência ao movimento e militância dos homossexuais, a partir da qual a diferença das liberdades individuais faz aparecer outras identidades aparentemente mais consistentes ou menos contraditórias, talvez porque as variações das nomeações e enunciação das demais subcategorias tornem-se menos visíveis frente à visibilidade histórica da identidade gay ou a invisibilidade desta possibilite a visibilidade das demais nomeações. Por exemplo, no manual de comunicação da ABGLT, não aparece o conceito de identidade gay, no entanto, o conceito de lésbica, travesti, transexual, transgênero e outros estão presentes. Em toda a literatura, estudos pesquisados e discursos dos

falantes acerca da homossexualidade, homossexual, homoerotismo, homoerótico, homocultura, homoafetividade ou homoparentalidade, entre outras palavras que recebem o prefixo homo, o enunciado *gay* aparece, comumente, à frente, tal como um carro-abre-alas associado a um grupo de minorias, de um movimento, de uma militância e, seguido por outras expressões tais como: ser assumido, um estilo de vida, uma performance, colorido, extrovertido, esquisito, engraçado, alegria, amizade, amor, excentricidade, exótico, estranho, resistência, força, luta e, sobretudo, denúncia de um sistema opressor e decadente.

Para Júnior Mafra (2011), o termo *gay* está ligado a uma categoria em que o indivíduo se identifica associando denúncias de violências por suas escolhas que fogem as normas consideradas aceitas mediante a sociedade em que estão inseridos, seus gestos, suas articulações, suas sutilezas, a não liberdade de suas expressões tem como consequência a violência sofrida por esses sujeitos sociais que silenciam diante das atrocidades sofridas.

Essa nova fase dos movimentos sociais possui uma característica peculiar voltada para o reconhecimento dos direitos individuais e das identidades específicas. No Brasil o movimento é marcado por um forte caráter antiautoritário em relação à ditadura, com o surgimento da AIDS houve uma grande visibilidade a homossexualidade e em relação ao modelo de sexualidade.

Os dispositivos das sexualidades estimulam e favorece o aparecimento das categorias identitárias, da militância e movimentos sociais, o que também incentivaram o aparecimento da criação e reinvenções da compreensão da homossexualidade e visibilidade da identidade *gay* como desvios patológicos, perversão, anomalia e atrofia do desenvolvimento sexual. O surgimento das práticas e teorias de tratamento e cura da dimensão psicológica dos não heterossexuais, como proposta de viabilização do corpo sócio-sexual nas relações normativas e compatíveis ao sistema da economia moral e conservadora daquela época, fomentou a agenciamento dos poderes vitais do corpo social, garantindo-lhe a possibilidade de uma felicidade plena (MAFRA, 2011, p. 75).

Nos anos 1990 a AIDS acabou ajudando as comunidades gays e lésbicas na questão de afirmar que todos estavam sujeitos a contrair a doença independente de sua orientação sexual, deixando de ser associada ao público *gay*, e assim não era mais vista como peste *gay*. Com isso, os discursos acerca do movimento social não estavam mais centrados para a questão de identidade sexual e sim para a não discriminação. As bases do movimento homossexual americano servem de apoio aos militantes de outras partes do mundo por influenciar o combate para essas questões e também no cunho político e social como, por exemplo, na

criação de ONGs, associações, grupos de apoio que conseqüentemente fortalece o debate em torno dos direitos da comunidade LGBT.

Segundo Simões (2009), muitas pessoas homossexuais são obrigadas a conter suas manifestações de afeto e ocultar as relações amorosas que vivem sobre o risco de serem segregadas, agredidas ou mortas. Além de não terem seus direitos civis reconhecidos na maioria dos países, o movimento LGBT rebate a discriminação e a violência contra a homossexualidade que se manifestam através de xingamentos, perseguição e condenação por motivos de ordem religiosa ou moral chegando até mesmo às agressões físicas e assassinatos. Hoje, essas agressões são conhecidas como homofobia. Ainda de acordo com Simões, a pesquisa divulgada pela Fundação Perseu Abramo em 2009, intitulada Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil-intolerância e respeito às diferenças sexuais, há uma grande quantidade de pessoas que admitem ter preconceito em relação ao homossexual. É possível ter uma noção da condição que estão sendo vivenciada parte dos homossexuais a intolerância é visível e forte a ponto de constranger os sujeitos que compõem essa categoria em consequência torna a luta ainda mais árdua e desejada.

Segundo Júnior Mafra (2011, p 95), desde o surgimento do movimento homossexual no Brasil, os militantes tiveram que encarar uma verdade obscura e silenciosa por trás da expressão popular. “Não existe pecado abaixo da linha do equador”, pois desde as primeiras denúncias do movimento de homossexuais e seu acompanhamento nas investigações e arquivamento dos processos policiais e jurídicos, revelaram que no Brasil os assassinos de homossexuais são constituídos e protegidos por uma rede institucional homofóbica. O que se procura é dar visibilidade as expressões públicas que giram a favor dos direitos das minorias sexuais.

O movimento LGBT representa um desafio às formas de condenação e perseguição social contra comportamento que não seguem a heteronormatividade associados à vergonha, repúdio, doença, imoralidade. Ninguém pode ser discriminado em virtude de sua orientação sexual ou por sua identidade de gênero, nem de usufruir seus direitos como cidadão todos tem que ser respeitado a imposição ao movimento ainda é muito forte, principalmente por líderes religiosos de diversos Estados islâmicos ou cristãos.

O movimento LGBT tem diferentes prioridades políticas definidas pelos vários subgrupos nesses debates os pontos considerados giram em torno na concepção da identidade homossexual unificada que aos poucos vem se constituindo na base da política de identidade.

Alguns grupos homossexuais (gays, lésbicas, transexuais, transgêneros) lutavam a favor do reconhecimento e por legitimação, buscando inclusão ao conjunto da sociedade, desafia as fronteiras de gênero e sexuais, ou seja, essa nova mudança dos movimentos sexuais e de gênero provoca mudanças nas teorias e ao mesmo tempo sendo alimentadas por elas.

Seguindo esse pressuposto é possível descrever e caracterizar os movimentos sociais como retardatária no Brasil, seus estudos ganham força no decorrer dos anos 1980, e em relação à homossexualidade esse processo foi ainda mais lento, pois está inserido em um contexto de antagonismo social, produção de identidades coletivas e de sua luta política contra a hierarquia do poder. No Brasil, a homossexualidade foi restrita tanto no âmbito cultural quanto social e claro no setor político é quase nula devido ao preconceito social que foi associar o movimento homossexual às lutas contra a ditadura e desigualdades sociais.

Tanto no Brasil como em todo o mundo, reconhecer os direitos LGBT é dar um passo para atravessar a última fronteira. A constituição de 1988 é um marco histórico, pois sinaliza a saída de um regime ditatorial para um Estado de direito, nos parâmetros das democracias liberais. Além disso, trouxe novos paradigmas e metas ousadas, que apontam na direção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Na década de 1990 houve um avanço da legislação infraconstitucional no que diz respeito às garantias de direitos e as políticas sociais e ao combate a discriminação. Entretanto, a constituição de 1988 deixa uma lacuna a não mencionar, a proibição da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, embora essa demanda tenha sido pautada pelo movimento LGBT, o fato é que a Constituição tem um espaço de princípios que dar todas as garantias formais e sustenta o reconhecimento dos direitos dessa sociedade no marco legal brasileiro. Com as paradas do orgulho gay, aumentam os debates dessa população, pois até na mídia percebemos uma maior intervenção para tratar o assunto com mais naturalidade.

No Piauí os debates em torno da temática, a visibilidade do tema só foi possível por meio da criação do Grupo Free na cidade de Teresina sendo este o pioneiro nas questões de luta pelos direitos dos LGBTs onde o grupo consolidou as forças do movimento LGBT.

O Grupo Free foi precursor de todas essas bandeiras atualmente estão em voga, e que, no final da década de 80, era algo provocava mal-estar, quando não, risos desconfortáveis, entre pessoas despreparadas para entender, de forma madura e sensata, o sentido da identidade sexual dos grupos sociais mais marginalizados em nossa história (MORAIS, 2007, p. 145).

Segundo Moraes (2007), em 1988 foi fundado o Grupo Free, a primeira entidade de defesa dos direitos das lésbicas e gays em Teresina o objetivo do grupo era de solidificar um movimento capaz de permanecer na sociedade piauiense segundo praticamente com as mesmas idealizações de formações das primeiras entidades no Brasil, que era o de libertar a homossexualidade do viés patológico e moralista e também de disseminar a ideia de que não era mais aceitável viver sua sexualidade de maneira privada, policiada e marginalizada. O Grupo Free acabou se tornando mais referência terapêutica, ao invés de um movimento político e emancipativo, ou seja, as pessoas que frequentavam buscavam apoio em suas lutas diárias ou mesmo contra as violências sofridas dentro ou fora de suas casas. Nessa mesma linha surge o Grupo Gapa, que veio a promover o apoio às primeiras vítimas do vírus HIV no Piauí, pois foi nessa época que surgiram os primeiros registros de infecção do vírus em questão, mesmo sendo nesse momento em que a AIDS passa a ser deshomossexualizada as pessoas se conscientizam de que a sexualidade está em todas as categorias e não somente entre gays, lésbicas, travesti e transgênero. Porém, ambos não vigoraram por medo, covardia e alienação e mais uma vez é uma tentativa frustrada de atingir uma maior conscientização que fosse capaz de despertar, tanto em pessoas homossexuais quanto em heterossexuais com o intuito de conquistas acerca do respeito e visibilidade, sem serem apontados como pervertidos ou sexistas.

De acordo com Santana (2011), na obra Movimento LGBT no Piauí: fatos e falências foi através da travesti Monique Alves que surgiu o Movimento Homossexual Babilônico e na década de 1990 já foram publicados folhetins denunciando a discriminação contra LGBTs. A partir daí, em 18 de maio de 2002 foi fundado o Grupo Matizes na cidade de Teresina.

O Grupo Matizes seguiu suas ações para o reconhecimento dos direitos humanos, contribuindo para politizar o debate sobre homossexualidade e as questões de identidades de gêneros, alcançaram conquistas nos últimos anos, assegurando as leis voltadas para os LGBTs como sujeitos de direitos, como por exemplo, o reconhecimento da união estável, a criminalização da homofobia. No Piauí, a ação militante começou a ganhar cada vez mais espaço com o surgimento de outras entidades. Os municípios que contam com o Grupo LGBT são:

QUADRO DAS ASSOCIAÇÕES DOS GRUPOS LGBT NO PIAUÍ

CIDADES	ASSOCIAÇÃO
Barras	Babaçu Rosa
Cajueiro da Praia	GRUVCAP (Grupo Voluntário de Cajueiro da Praia)
Esperantina	Arco-íris do Cocais
Floriano	AFLODS (Associação Florianense do Orgulho de Ser)
Colônia do Piauí	MOPAC LGBT (Movimento Piauiense de Assistência a Cidadania) – LGBT
Parnaíba	Gaurá e Grupo de Lésbicas de Parnaíba
Pedro II	Rede Arco-íris
Picos	GGLOS (Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual)
Piripiri	Grupo Gay de Piripiri
Teresina	Articulações de Travestis do Piauí: Articulação Piauiense de Travestis e Transexuais; Coletivo de Gays Mirindiba; Coletivo de Lésbicas Apoena; Grupo Anjos LGBT; Grupo Matizes; GPTRANS (Grupo de Travestis e Transexuais); ATRAPI (Articulação Piauiense de Travestis e Transexuais) e o Coletivo de Gay Mirindiba.

Todas essas entidades têm por prioridade rebater, assegurar e dar visibilidade ao movimento LGBT, sendo está uma conquista alcançada por seus militantes, procurando ignorar os discursos de vítima que não mais se enquadram na sociedade é preciso perceber que a luta dos militantes está voltada para que seus direitos não sejam negados pelo Estado,

sem deixar de lado o combate a AIDS e sua ação de prevenção ainda são focos de atuação, considerando também a questão da violência e a negação de direitos. O movimento LGBT no Piauí procurar caminhar de forma livre e autônoma para que se possam transformar as várias afirmativas presentes nas políticas públicas de fato, para se combater o preconceito e o enfrentamento da discriminação.

Segundo Gontijo e Sá (2006), o mercado rosa de Teresina como representação segmentada de consumidores de bens e serviços direcionados ao público GLS (Gays Lésbicas e Simpatizantes). O termo mercado rosa foi adotado pelo grupo de militância homossexual como símbolo de luta contra o preconceito e a discriminação o triângulo rosa, no final da década de 1970 foi adotado outros símbolos, entre eles, a bandeira do Arco-íris, a bandeira dos Ursos, a bandeira das Transexuais, a Lambda, Anéis de Liberdade, Labrys, Triângulos Bissexuais.

Esse movimento das chamadas minorias necessita justamente de políticas públicas que visem reduzir as disparidades existentes. O mercado rosa vem a promover, a influenciar a promoção dessas políticas e o aumento em relação à visibilidade e demanda de políticas sobre a questão do mercado com o intuito de formação da própria identidade desse grupo social.

A identidade é o significado que as pessoas dão aos produtos, por exemplo, na construção da sua imagem identitárias. A imagem criada, a partir do mercado, não é aquela que não é reivindicada por ninguém especificamente, mas, sim, pelo próprio mercado, isto é, a identidade GLS (GONTIJO; SÁ, 2006, p.76).

À medida que o movimento LGBT ganha visibilidade, as conquistas passam a se concretizar como, por exemplo, em 2004 em âmbito federal foi lançado o Programa Brasil sem Homofobia que tem por objetivo educar e mudar o comportamento dos gestores públicos, de modo a promover a cidadania dos gays, lésbicas, transgêneros (travestis e transexuais) e bissexuais no combate a violência e discriminação.

Em Teresina, ao longo dos últimos anos, tem conseguido mérito nas questões em que envolvem o governo no que diz respeito às promoções dos direitos homossexuais. Em 2002, a Câmara Municipal de Teresina aprovou a Lei nº3.471/ criou o disque-denúncia chamado Disque Cidadania Homossexual, ligado à Secretária Municipal do Trabalho, Cidadania, e Assistência Social (SEMTCAS), mas só passou a vigorar em 2004, em seguida foi criada uma

Delegacia de Proteção aos Direitos Humanos e a Repressão as Condutas Discriminatórias pra atuar na prevenção e repressão aos crimes contra o segmento LGBT em questão.

Diante de todas as entidades criadas no estado do Piauí, por meio do movimento LGBT, as Paradas do Orgulho Gay, os militantes desse movimento homossexual são sujeitos sociais e políticos que são atuantes e exigem espaços à medida que sua visibilidade aumenta, são crescentes os direitos exigidos por eles. As transformações históricas foram dadas em um curto e intenso contexto político- cultural, a visibilidade que é cedida pela imprensa, redes sociais abriram espaços para debater, manifestar e evidenciar as pautas em torno do Movimento LGBT.

O movimento LGBT em Picos tem as mesmas características dos diversos movimentos LGBTs no Brasil, e possui o intuito de dar visibilidade às questões que são consideráveis para os sujeitos ativos que fazem parte dessa militância. Com o Movimento LGBT vieram as Paradas que nada mais são do que partidas de ajuda para dar impulso à luta dessa categoria onde para muitos ainda é pouco reconhecida pela sociedade picoense. No trabalho destacamos as reais razões para toda essa militância, também como o movimento vem ganhando força perante a sociedade, suas lutas e direitos e procurando evidenciar os sujeitos sociais que trabalham em torno de uma democracia mais justa, tolerante e respeitosa para com a comunidade LGBT. Esses reflexos das conquistas e visibilidade do movimento homossexual atingem até mesmo aqueles que não assumem sua homossexualidade. Que de certa maneira dar força para que os indivíduos façam uso da expressão “sair do armário” e para as lésbicas “sair da cozinha”.

Os interlocutores que foram escolhidos para fazer parte desta pesquisa têm faixa etária entre 18 a 50 anos de idade, o segundo critério é definido pela participação do Movimento Social LGBT organizados da região, que compõem um grupo representativo na cidade de Picos – PI, destaca-se o GGLOS – Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual, que organiza as Parada da Igualdade na região desde 2005 até 2013. Os depoentes são gays, lésbicas e uma transgênero assumidos que participam do Movimento LGBT e das Paradas da Igualdade que acontecem na região e às vezes na macro região, a partir dessa entrevista as outras se sucederam através de indicações pelo próprios entrevistados, até que se possa ter respostas diferentes para as questões pautadas. Foi utilizado nas entrevistas um roteiro nas perguntas para que essas possam nortear o desenvolvimento bem sucedido das entrevistas chegou-se ao número de 6 entrevistados. Outro aspecto que considerei foi à escolha dos meus depoentes em

relação ao local das entrevistas, considere na intenção de se sentirem a vontade e termos um bom diálogo. Nas entrevistas cada sujeito da pesquisa determinou o uso ou não de pseudônimo, que será identificado no decorrer do texto juntamente com sua idade, profissão, escolaridade e orientação sexual.

O movimento LGBT em Picos surgiu em 2006 tendo a figura da Jovanna Baby e o GGLOS (Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual) como representantes assíduos a levantar a bandeira a favor de uma luta que exalta direitos em prol da comunidade LGBT na cidade de Picos. A intenção de trazer o Movimento LGBT para Picos é de evidenciar as pautas relacionadas dentro do cotidiano dos militantes sejam eles ativos ou não.

É com o Movimento LGBT que seus militantes buscam uma maior visibilidade dentro de um contexto sociocultural oposto ao mundo contemporâneo, pois o que se sabe é que muitos deles são incompreendidos pelos professores, jornalistas, médicos sendo estas pessoas detentoras de conhecimento e o Movimento LGBT juntamente com as paradas vêm para rebater essas repressões em favor da Comunidade LGBT.

Qual a diferença entre Comunidade e Movimento LGBT? Com a resposta do entrevistado a cerca dessa concepção, revela que nem todos os homossexuais estão dispostos a exibir sua manifestação, de reivindicar seus direitos, ir à luta em busca das igualdades sociais.

¹“Na verdade eu vim me tocar disso quando eu vi o pronunciamento do Jean Wyllys em uma carteira que foi feita na conferência LGBT do ano de 2011 em que ele falava que Comunidade LGBT são os homossexuais em geral, a partir do momento em que você levanta a bandeira politicamente, você se assume politicamente, você é Movimento LGBT. Você deixa de ser aquela pessoa estagnada que só espera ou então crítica ou então fica no armário e passa a fazer alguma coisa a si movimentar por isso Movimento”.

Interessante observar que, para algumas pessoas, o entendimento para essa questão passa a ser considerada como uma ofensa, muitos homossexuais não estão dispostos a ir às ruas dessa maneira não assume sua homossexualidade publicamente por meios de críticas, por

¹ BRITO, José Anderson de Andrade. Entrevista realizada por Rannyle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

medo da própria família, dos colegas de trabalho e quem vai à luta, quem mostra sua coragem, seu rosto são essas pessoas que reivindicam por toda essa comunidade LGBT.

A comunidade LGBT está dispersa por todo país ela conseguiu produzir uma cultura na topografia das cidades justamente nas boates, bares, festas. Essa cultura ganhou força a partir das artes, do transformismo das *drags queens* ela tem uma identidade coletiva. Muitos homossexuais têm sim homofobia internalizada e essa homofobia destrói a autoestima. Quando essa vergonha passa a ser isolada e o orgulho se evidencia muitos homossexuais deixam de ser comunidade e ingressa no movimento. E o Movimento nada mais é do que uma responsabilidade, pois seus militantes falam por essa imensa comunidade passando a traduzir suas demandas e procurando unir todos os segmentos estando eles suprimidos ou não.

2 A VOZ DA IGUALDADE: O MOVIMENTO LGBT ESTÁ VIVO DENTRO DA SOCIEDADE PICOENSE 2006-2013

O século XX foi marcado por transformações em seu contexto social, político, cultural a existência de termos foram exaltados dentro das sociedades à palavra subclasse implicava como uma exclusão da sociedade normal. De acordo com Hobsbawm em: A era dos extremos o Brasil em meados de século XX (1994), essa subclasse era minoritária, ou seja, as pessoas tinham uma vida de status e renda desiguais. Nesse século, a revolução cultural que se encontra aliada as forças do capitalismo traz em si a forma mais natural da urbanização que de fato é um dos pontos importantes desse processo de diferenciação entre o velho e o novo mundo.

A cultura jovem tornou-se o centro da revolução cultural no sentido de gozar o lazer e as artes que forma a atmosfera composta por mulheres e homens urbanos. Os jovens começaram a aceitar as mudanças vindas da música, do cinema, das roupas e até das linguagens ditas pelas classes baixas. Essa autonomia da nova cultura jovem surgiu no momento em que há o encontro com expressões intelectuais que de certa maneira influenciou as manifestações de massas com essência no subjetivismo. O comportamento aceitável começou a ser questionado incluindo dentro desse contexto o sexual, que de certa maneira aumentou a experimentação e a frequência do comportamento considerado inaceitável e sem dúvida aumentou sua visibilidade. A subcultura homossexual tem um grande significado que fazem partes dessas mudanças, onde gira em torno das relações humanas estabelecidas estejam elas explícitas ou não e sendo elas rejeitadas pela ordenação histórica em que as convenções e proibições sociais expressam e simboliza todo essa conjuntura de novos costumes do século XX.

Dessa maneira, a revolução cultural pode ser entendida como grande triunfo sobre a sociedade, ou seja, rompendo os vínculos com as linhas que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Com esse rompimento, o que surge é uma sociedade mais ativa preocupada em alcançar à essência do seu próprio desenvolvimento a quebra desses modelos tradicionais levam a insegurança, pois as velhas convenções de comportamentos quando eram derrubadas perdiam sua justificação entre os que sentiam essa perda.

Uma vez que tais práticas e instituições não eram mais aceitas como parte de um modo de ordenar a sociedade que ligava as pessoas umas às outras, e que assegurava a cooperação social e a reprodução, desapareceu a maior parte de

sua capacidade de estruturar a vida social humana (HOBBSAWM, 1995, p. 332).

Particularmente, se observa que no real muita coisa mudou essa revolução social significou uma aceleração ou intensificação do movimento acompanhado de uma extraordinária rapidez quanto em sua universalidade. Durante todo o processo de mudanças ocorridos no século XX entre elas destaque a classe dos operários, a pressão feminista, entra também o movimento LGBT que mudou a revolução social abrangendo aspectos significativos em relação às permanências de uma sociedade vista como fechada.

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda sociedade e ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda estrutura social (FOUCAULT, 1984, p. 18).

O movimento LGBT em Picos está inserido dentro desse contexto como relata Foucault, pois lutar significa justamente levantar a bandeira da resistência diante de uma sociedade com pensamentos conservadores, onde a dominação dos pensamentos religiosos predomina e o cunho político é justificado pela falta de intolerância e respeito.

A articulação do movimento LGBT em Picos só foi possível devido ao empenho da própria Jovanna Baby² e do GGLOS (Grupo Guaribas de Orientação Sexual) no intuito de combater a homofobia tão presente na sociedade picoense. Para Jovanna Baby, esse foi o real motivo que a levou a tanta luta e ser a porta voz da comunidade LGBT em Picos. Em suas palavras o que a fez organizar o movimento LGBT em picos foi: “a homofobia que é gritante na cidade, a falta de respeito com os LGBT e a joscidade a qual eram tratados”.

Para o entendimento da construção do movimento LGBT em Picos é preciso ressaltar que através das falas dos meus entrevistados, a figura da Jovanna Baby é essencial e muito presente para os militantes da cidade, pois desde o ano de 2006, em que o movimento nasceu ela tornou-se para muitos um espelho a seguir por sua força de vontade, determinação e coragem.

² CARDOSO, Jovanna. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 11 de novembro de 2013.

³“A Jovanna pra mim ela é o movimento LGBT aqui em Picos no sentido de que foi ela quem impulsionou, ela quem articulou toda a criação do movimento, toda a criação da ONG, toda essa questão de ela se envolver também com a gente. Jovanna pra mim é uma pessoa histórica com quem eu quero está sempre envolvido e aprender com ela e quem sabe fazer minha parte também um dia né?!”

Muitas das conversas o que se tem é essa admiração por parte dos militantes em torno da Jovanna Baby por ela ter inserido no cenário de Picos as transformações que ocorreram durante todo o século XX trazendo uma revolução cultural e social que aos poucos é devidamente composta pelos jovens picoense. Dessa maneira, podemos contextualizar o movimento LGBT em Picos como agregado em meados do século XX em que a luta por espaços e a distinção entre o velho e o novo mundo ganham notoriedade.

³ BRITO, José Anderson de Andrade. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

Ilustração 2: O professor Paulo Mafra ao lado da Jovanna Cardoso



Fonte: disponível em < [http:// www.portaldopovo.com.br](http://www.portaldopovo.com.br) acesso 10 de fevereiro de 2014.

A imagem se refere ao anúncio do primeiro casamento homoafetivo da cidade de Picos em que tanto a Jovanna quanto o Paulo Mafra estavam presentes na cerimonia, sendo os mesmo que tanto buscam dentro dos direitos humanos um melhor aproveitamento das leis destinadas a todos os cidadãos independente de sua sexualidade. Jovanna Baby é um exemplo claro de força de vontade e luta por seus direitos e pelo os dos outros, pois ela foi quem articulou o movimento LGBT envolvendo a todos mesmo havendo as diferenças de segmentos, pois a relações entre os travestis e os gays não são muito agradáveis em muitos estados. A relação de amizade entre os integrantes com a própria Jovanna é sadia, pois ela os incentiva a estudar e combater as violências sofridas por eles. O papel da Jovanna é histórico dentro do movimento LGBT na cidade de Picos, onde todos querem está envolvidos para um dia fazer a diferença seguir com a transformação cultural que a própria iniciou.

Segundo Certeau (1986), a reivindicação cultural não é um fenômeno simples o movimento resgata sua autônima através das manifestações culturais que correspondem a um ato de consciência e nas implicações políticas e sociais que estão envolvidas. No entanto, isso não quer dizer que é preciso eliminar a sua referência cultural, pois a probidade de simbolizar

uma autonomia no nível cultural é necessária para que se possa ter uma força política própria, sendo essa força política capaz de conferir a declaração cultural o poder de finalmente se afirmar “uma minoria pensante e ativa permitiria, sozinha dar conta de um movimento maciço” (CERTEAU, 1986).

De fato, o movimento LGBT em Picos tem características peculiares, é audacioso e mais concreto na história do saber, o papel da política do movimento se distingui na diversidade dos sinais e, portanto, o indício de uma organização a ser feita. Não basta apenas uma coragem intelectual é preciso estratégias e ações para visibilizar suas reivindicações estando elas ligadas à ambição de recomeçar, isto é, de viver. É necessário pautar quais as principais estratégias e ações desse Movimento LGBT na cidade de Picos?

⁴ “Como movimento eu acho que a maior conquista foi a parada da igualdade em Picos, a parada da diversidade, seja parada gay para os leigos e também o seminário dos direitos humanos que precede a parada que é uma forma de mostrar que a gente tem o que discutir, a gente também levanta a discussão no meio acadêmico por essa questão o que é realmente o que a gente vive”.

Anderson a partir de sua fala deixa clara sua opinião sobre a visibilidade que as paradas da igualdade favorecem a comunidade LGBT na sociedade picoense e os crescentes debates em torno da temática que vem a contribuir para as questões na qual existe tanta lutam. Toda essa visibilidade e esses debates aparecem de forma positiva na intenção de não aceitarem mais olhares estranhos das pessoas em relação a sua orientação sexual.

Poucos dos entrevistados conseguem perceber o cunho político das paradas e à proporção que tem o movimento LGBT na cidade de Picos, pois fica claro que é por meio das Paradas que suas reivindicações ganham forças mesmo diante das ementas constitucionais e que o trabalho das paradas é de se efetivar e garantir boa parte dos direitos pode-se perceber a partir da fala do Paulo Mafra.

⁴ BRITO, José Anderson de Andrade. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

⁵“Eu vejo principalmente o trabalho das Paradas LGBT é algo que digamos é mais eficaz mesmo existindo emendas que estabelece verbas para as paradas aqui no Piauí esses recursos dessa forma de influência do Estado acaba trazendo algumas reivindicações. Vejo algumas coisas assim nas questões de violência e vejo que mais forte assim nunca se trata da questão das paradas e principalmente na questão do travesti e transexual pelo fato dela ser travesti né?! E assim da questão que a gente já vê alguns projetos do tratamento de travesti dentro da escola então o GGLOS vai trabalhando junto com vereadores e políticos para trabalhar essas reivindicações que tem o foco da travesticidade e das transexuais né? Vejo também algumas reivindicações no que se trata do combate a homofobia como um todo né?! Não só a transfobia mais a homofobia né?! Mas o foco disso tudo é a parada... É a parada que praticamente provoca articulação do movimento o ano todo”.

A partir das entrevistas acima, que remete a uma questão bastante instigante, que é contrária a simples observação do espectador que vai à rua ver a parada, suas estratégias de reivindicações estão bem pautadas durante as paradas da igualdade, não podendo ser apenas considerada por muitos como algo bizarro. Os entrevistados deixam claro que a parada existe para acabar com a estranheza e também com a violência porque o preconceito é um verdadeiro tabu que eles enfrentam. Em Teresina a parada da diversidade/igualdade também é vista com um caráter de libertação de acordo com as palavras da própria Marinalva Santana.

⁶“Na primeira parada nós tivemos 1.500 participantes, nas ultimas se falou em 40 mil. Então a parada tem seu papel importante do ponto de vista de dar visibilidade às bandeiras do movimento LGBT. As paradas se transformaram num movimento de rua volumoso e significativo em todo Brasil. E tem um lado festivo que não descaracteriza o movimento, porque é um ato político irreverente, não rabugento”.

Tanto para Marinalva, assim como para Jovanna Baby, as paradas servem para dar visibilidade ao movimento não sendo a única forma de concretização ou de evidência como eventos mais amplos em que os espaços sociais se tornam maiores e em consequência disto seus debates em torno da temática.

⁵ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

⁶ SANTANA, Marinalva. Entrevista realizada por André Gonçalves para a revista REVESTRÉS publicada no de setembro/ outubro de 2013. Ed 10. p. 10 a 19.

Ilustração 3: III Parada da Igualdade na cidade de Picos no dia 16 julho 2009



Fonte: disponível em http://portalopovo.com.br/noticia_detalle.php?id=6485 acesso em 19 de outubro 2013

Todos os acontecimentos que antecedem a parada são de extrema importância durante a semana do evento se tem concurso de miss gay, seminários, debates em torno da temática, convidados de outros estados entre eles importantes travestis que levantam a bandeira LGBT, apresentações artísticas, apresentação de trabalhos acadêmicos da faculdade R.SÁ, pré-parada. De acordo com o acervo do GGLOS, a jornada LGBT é um momento em que são debatidos os seminários por todos os envolvidos nas questões de defesa dos direitos humanos buscando discutir sobre as políticas voltadas para a comunidade LGBT, ressaltam também os projetos implantados, a coordenação do GGLOS juntamente com a secretária dos direitos humanos trazem para os eventos as autoridades LGBT locais e de outros estados para intervir nas considerações a respeito dos principais assuntos que fazem parte das lutas e reivindicações por muitos que prestigiam a semana do evento. Tem a presença de pessoa transgênero, profissionais de saúde que fazem palestras a respeito da saúde sexual, tanto o governo federal, quanto o governo estadual e as associações dos direitos humanos têm representantes assíduos que vem para somar, dialogar com todos os envolvidos para reconhecer e trazer informações.

É um espaço social em que se perpetuam novos projetos, o GGLOS que foi fundado no ano de 2006 ele é o responsável por fazer a prevenção de conscientização contra as DST'S

e AIDS com a entrega de camisinhas, gel, panfletos informativos mostrando para os envolvidos que por meio dos debates é possível ultrapassar e vencer o preconceito. A distribuição dos preservativos em material impresso Educativos e de conscientização da população para os riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis. A cerimônia de apresentação é realizada nos principais auditórios das Escolas Estaduais da cidade de Picos. . A mesa de abertura conta com a participação de autoridades locais como a do prefeito de Picos, Kleber Eulálio; a secretária Municipal de Trabalho e Assistência Social, Sra. Oneide Rocha; a Coordenadora Geral do evento, Sra. Jovanna Baby Cardoso, e representantes da sociedade civil como o Sr. Patrick Alisson de Sousa, do Movimento LGBT em Picos.

Há também lançamentos de livros Educação e Diversidade do professor Marcelo Menezes. Logo depois apresentações artísticas de Ângela Leclery, do Rio de Janeiro, Maria Garley de Salvador. A apresentação acadêmica dos alunos da R.SÁ dos cursos de direito e serviço social mais precisamente por serem esses os alunos que tem uma boa relação com a coordenação dos direitos humanos fortalecem mais ainda o caráter sério do evento sobre os temas direcionados aos LGBT's e dentro desses trabalhos, alguns foram selecionados para serem apresentados no fórum mundial dos direitos humanos e também a exibição de filmes como o de Katia Tapeti, que mostra a trajetória de vida da travesti da cidade de Colônia do Piauí.

Na cidade de Picos não se tem espaços socializados pelos homossexuais, sendo nesse momento em que eles têm a oportunidade de ir às ruas, de se mostrar sem medo ou receio mesmo a sociedade picoense ainda se comportar com preceitos homofóbicos. Um exemplo dessa liberação sexual, de livre expressão está em torno da pré-parada uma festa tão espera para os homossexuais da cidade de Picos. A pré-parada antecede a parada da igualdade que acontece aos domingos o que se procura nela é diversão e liberdade que não se encontra na cidade sendo esta tão preconceituosa. Nessas festas se tem a liberdade de beijar, trocas de carinhos e atração entre pessoas do mesmo sexo. As pessoas que frequentam se comportam como querem se comportar, sem olhares discriminatórios e maldosos. É comum a frequência de Drags Queens, gogo boys ou de pessoas que usam um figurino diferente do que é considerado “normal” pela sociedade. O ambiente escuro, seco e o som *tecno* caracterizam o lugar o que não se pode é incomodar, constranger o outro, seja com palavras, gestos ou olhares, todo o resto é permitido. O espaço cedido para os encontros são chácaras que se localizam em torno da cidade, a boate *Planet*, em que esses espaços servem de integração entre os sujeitos.

A importância da Parada de Igualdade em Picos é tão explícita em relação às articulações e conciliações entre teoria e prática que o próprio movimento discute entre seus representantes, sendo nesse momento que se tem a concretização dos meses trabalhados em torno das questões que norteiam as diretrizes do movimento. A população picoense vem em considerável número assistir a parada da igualdade observando fervorosamente as Drags Queens, tiram fotos, fazem filmagens. Os meios de comunicação de Picos e regiões vizinhas dão cobertura ao evento como: *Apura Notícias*, *TV Picos*, *Site Picos 24 horas* o evento reúne militantes de várias cidades e outros estados Teresina, Fronteiras, Oeiras, Paraíba, Bahia-Salvador recebendo o apoio da Polícia Militar, Polícia Municipal e Polícia Rodoviária após o trajeto todos se reúnem na praça Félix Pacheco.

Ilustração 4 -VII Parada da Igualdade em Picos ocorrido no dia 23 de setembro de 2013



Fonte: acervo pessoal de Rannyelle Rocha Teixeira

A imagem retrata as cores do arco-íris sendo este um dos símbolos do movimento LGBT, a alegria e a seriedade de todos que participam de forma direta ou indireta dessa grande organização que se torna forte e histórica dentro da cidade de Picos durante os anos 2000 precisamente entre 2006 a 2013 percebe-se que realmente o discurso de militância é mais forte e evidenciam o verdadeiro intuito de debate a favor dos direitos humanos. De

acordo com os jornais que cobrem a Parada da Igualdade em Picos, como o site 180 graus, na II e a III Parada que aconteceram entre os anos de 2007 e 2008 respectivamente os órgãos de saúde e ONGs distribuíram preservativos, materiais informativos contra Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e impressos sobre os direitos LGBT. Jovana Baby destacou ainda que o ato da igualdade tem a finalidade de dar um basta contra homofobia, Transfobia e a Lesbofobia. Termos genéricos para definir a intolerância, o ódio e a violência contra pessoas com orientação e identidades diferentes da heterossexual, que se aplica a gays e bissexuais, transgêneros (transfobia) e lésbicas (Lesbofobia).

Ilustração 5: Foto tirada pelo site Guia Picos.com mostra a pop. Picoense dia 22 de set.2013.



Fonte: disponível em <<http://www.guiapicos.com.br> acessado em 14 de outubro de 2013.

A imagem acima representa com densidade a população picoense que sai de sua casa na tarde do domingo para prestigiar o evento entre elas estão jovens, adultos, crianças, homens e mulheres de todas as idades. Que levam sua curiosidade, respeito e estigma à população LGBT. A cada ano que acontece a realização das Paradas é possível perceber o grande salto que se tem diante dos direitos e da visibilidade que envolve o movimento LGBT.

A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o

recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 1).

As Paradas da Igualdade servem para uma maior conscientização da população pelas lutas que a essa comunidade LGBT tanto incentiva e que nos tempos de hoje não se pode ter espaço para questões homofóbicas e sim para o respeito de todos. Para a maioria dos entrevistados é um evento para se combater o ódio e prevalecer os espaços de cada um. A fala do entrevistado acima retrata bem essa questão.

⁷ “A parada é o momento em que a gente se mostra é no dia de domingo então vai ver a gente quem quer, quem pode ver a gente pra criticar de alguma forma que nos ver.... Nossa bandeira é colorida são várias cores e lá tem todo tipo de pessoas. Tem gay que participa da caminhada e tem gays que vão olhar porque não tem coragem de caminhar com a gente, mas acredito que muitos deles tem orgulho do que a gente tá fazendo e a importância dela é justamente a visibilidade com certeza é a visibilidade e a desconstrução da normatividade na cabeça das pessoas, na cabeça do povo picense. E também é vista como uma das melhores do Piauí isso dita pelo pessoal de Teresina ela proporcionalmente é vista como a maio parada por conta da quantidade de pessoas que ela mobiliza na cidade de Picos”.

Muitos dos sujeitos que participam das Paradas consideram a data como importante, pois é nesse dia que o espírito de luta, de coragem bate de frente com o preconceito dando largos passos para um futuro onde as violências homofóbicas deixaram de limitar os espaços sociais para cada indivíduo. Com a fala do José Anderson o sentido das Paradas da Igualdade está direcionado para a comunidade LGBT no todo, e não apenas nos que participam da caminhada, pois ainda muitos deles não se sentem a vontade para assumir sua orientação sexual. Muitas pessoas associam as Paradas da Igualdade com o carnaval, mas é necessário frisar que a questão do extraordinário é uma característica peculiar desse momento, é uma aceitabilidade que acontece em um dia- no domingo- e vai ver quem quer, não ocorre o ano todo, suas normas de condutas são valorizadas e íntegras e que para os segmentos LGTB tem um caráter político.

⁷ BRITO, José Anderson de Andrade. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

A imagem abaixo ilustra os sujeitos ativos que integram de forma positiva o evento como está representado abaixo, as Drags Queens engrandecem o evento dessa maneira caracterizam, dão formas, cores e expressões ao Movimento LGBT em Picos. Sendo elas as que mais chocam, causando estranheza e curiosidade na sociedade picoense. As paradas as tornam em certo ponto celebridades instantâneas e ao redor delas se junta um pequeno grupo de curiosos com a intenção de chegar mais perto para tirar fotos.

Ilustração 6: Foto tirada pelo site Guia Picos.com mostram as Drags queens de várias cidades e Estados onde prestigiam a VII Parada da Igualdade em Picos em 22 de setembro de 2013.



Fonte disponível em <<http://www.guiapicos.com.br> acessado em 14 de outubro de 2013.

As relações que se tem com as imagens e as entrevistas integram no que diz respeito a essas Paradas, nas suas importâncias, também na forma de fazer política como é identificado pelas falas de alguns dos entrevistados, e é interessante a própria utilização do compor como forma de passar uma mensagem mais direta sobre os que compõem esse fator histórico na sociedade picoense.

⁸“Eu acho que a importância da parada responde isso. Eu vejo também a parada como uma nova forma de fazer política. Que na década de 60 com os jovens que utilizavam do corpo para protesta eu acho que a parada chegue essa mesma linha e de utilizar o corpo como expressão política”.

Para os entrevistados a parada é um momento de libertação, de serem livres, de serem normais, sem repressões ou olhares indiscretos esse é o momento que vão as ruas reivindicar uma melhor qualidade de vida, de lutar por seus direitos de ir e vir independente da sua orientação ou identidade sexual.

Ilustração 7: Foto tirada pelo site Guia Picos.com mostram os homossexuais marcam forte presença, juntamente com a Drags Queens dando uma nova cara a Parada da Igualdade em Picos.



Fonte disponível em <<http://www.guiapicos.com.br> acessado em 14 de outubro de 2013.

Na imagem as Drags Queens tem um significado sucinto no que diz respeito aos personagens que estão caracterizados pelas roupas, brilhos, vestuários dando toda uma especificidade nas paradas mostrando seu cunho artístico e ao mesmo tempo desenvolvendo

⁸ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

uma prática de acolhimento perante a sociedade picoense, pois são dessa maneira que os populares se aproximam para prestigiar o evento que acontecem na cidade, procurando cores, sorrisos, extravagâncias assim os participantes sentem-se respeitados.

A cada ano os temas das Paradas são distintos uns dos outros esses temas são escolhidos em reuniões em que participam todos os envolvidos da coordenadoria dos direitos humanos e os militantes assíduos do Movimento LGBT em Picos. Dessa maneira, é de crucial importância entender como e quais são escolhidos tais temas.

⁹“Não me lembro de todas, mas sei que em 2009 foi Vote contra a Homofobia; 2010 Nosso voto, nossa vós; 2011 Você tem preconceito? A Aids não tem!; 2012 Homofobia tem cura: Educação e Criminalização; 2013 Coração não tem preconceito... Tem amor”.

QUADRO DAS PARADAS DA IGUALDADE EM PICOS

TEMAS	ANO
3° Parada da Igualdade: Vote contra a Homofobia	2009
4° Parada da Igualdade: Nosso voto, nossa vós	2010
5° Parada da Igualdade: Você tem preconceito? A AIDS não tem!	2011

⁹CARDOSO, Jovanna. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 11 de novembro de 2013.

6° Parada da Igualdade: Homofobia tem cura: Educação e Criminalização	2012
7° Parada da Igualdade: Coração não tem preconceito... Tem amor	2013

São de significativa importância os temas das paradas, pois neles se observa o grito de necessidade da comunidade LGBT, pode-se observar que na tabela acima não se tem os temas nem da primeira Parada ocorrida em 2006, nem da segunda parada que aconteceu em 2007. Essa deficiência se deu pelo fato de o próprio movimento não ter seus próprios arquivos, atas ou documentos que assegurem as informações e que acabam caindo no esquecimento, o que não deixa de ser um ponto lamentável para seus próprios registros histórico do Movimento LGBT na cidade de Picos.

Dentro do âmbito Nacional se vê dos tipos de nomes que identifica as Paradas podendo ser Parada da Igualdade ou Parada da Diversidade essa questão está relacionada à organização do evento em relação a Picos as paradas tem o sentido de igualdade justamente para se ter um equilíbrio dinâmico diante das diversidades existentes pautando a ideia de igualdade entre os mesmos sejam estes sujeitos atuantes ou não. Mas não deixando de lado que para alguns são considerada Parada da Diversidade.

¹⁰«Eu fico muito confuso com isso. Eu às vezes falo mais parada da diversidade porque pra mim a ideia é a parada da diversidade dessas coisas de diversas, compreensões em relação ao sexo e tal, mas eu vejo que aqui tem muito mesmo a compreensão de Jovana no sentido de tratar a questão dos direitos iguais, então assim é a questão de colocar os heterossexuais têm direitos então os homossexuais também têm direitos e essa é a linha da igualdade né?! Mas na minha compreensão eu vejo que vai muito da organização das paradas de cada região. Eu já vi em alguns trabalhos que

¹⁰ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

mostra que se coloca essa parada diversidade tem influência do mercado, tem influência da sociedade de gliter, do Estado então é muito diverso”.

O movimento LGBT em Picos ganhou força a partir de 2006 e foi a com a ajuda do GGLOS (Grupo Guaribas De Livre Orientação Sexual) que trouxe visibilidade para articulação do movimento, participação de vários eventos de formação seja nas ruas ou com protesto contra políticos homofóbicos. O GGLOS ajuda nas denúncias de violência seus representantes lutam por uma boa base onde a militância tenha voz perante os órgãos públicos. Quem são os integrantes do GGLOS? Qual sua finalidade?

¹¹“Na verdade o GGLOS é constituído por poucas pessoas nosso papel é de se articular para o movimento, também participamos de eventos fora da cidade como a gente foi para Teresina ver uma audiência pública tomar conhecimento do plano em que o secretário Francisco Guedes estava apresentando para os LGBTs do estado que o movimento já conseguiu muitas conquistas a ponto da gente já ter um plano de implementação de políticas públicas voltadas para os LGBTs”.

Seguindo esse raciocínio, as diretrizes do GGLOS vão bem mais além do que uma simples ONG, mesmo sem as atas que comprovem essas reuniões em que se discutem todas as premissas que dão articulação e visibilidade para o movimento LGBT em Picos. Suas pesquisas têm o intuito de reforçar onde precisa ser melhorado sobre questões relevantes à sexualidade. Dessa maneira, se tem a seguinte questão: Quais os principais resultados da pesquisa realizada pelo GGLOS durante a parada sobre o público que vai assistir o evento ou participar do mesmo?

¹²“Eu vejo que os resultados acabam só reforçando aquilo que eu já venho pesquisando que assim as pessoas não sabem nada do que é bissexual, do que é heterossexual eu vejo que quando eu boto os alunos pra coletar e depois eu sento com eles depois da coleta ai muitos falam assim: - Ah, você é heterossexual? Não eu gosto é de mulher. Então assim até essa discussão mostra que existe um não conhecimento mesmo geral sobre essa questão da sexualidade fica muito a discussão do senso comum, senso presente em posicionamento então vejo assim que a violência que se dar no âmbito do silencio, do segredo ela está muito é baseada nesse senso comum que nada sabe sobre sexualidade e essas questão da identidade né então os resultados

¹¹ BRITO, José Anderson de Andrade, entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

¹² MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

apontam muito reforçando essa ideia de que a violência nunca ocorre como uma violência da homofobia”.

No Piauí existem muitas associações que buscam priorizar os debates, assegurar os direitos e dar maior visibilidade ao movimento LGBT, mas o GGLOS busca uma maior expansão, não só com ONGs que são voltadas as questões LGBTs, mas procuram interagir em relação aos movimentos de destaque em Picos como o movimento Negro, porém essa integração não é tão satisfatória. Tendo que destacar também as articulações políticas que é caráter forte das cidades do interior.

¹³“Vê só em relação aqui em Picos, começando por Picos eu vejo que GGLOS já teve muito embate com o movimento negro com a questão do Marcos Feliciano que atingiu tanto o movimento negro quanto atingiu o movimento LGBT e esta questão que eu acho que é muito das cidades do interior dos cargos político. Ah! Porque você está num cargo político no caso eu vi o movimento negro apontando a Jovana pelo fato dela está lá. Eu vejo a relação do GGLOS com os, por exemplos, as pessoas com deficiência, mas eu vejo que poderia ser mais atuante é limitado mesmo por essa questão de que muitas das vezes eu vejo que o movimento só é possível porque o Estado ele copita esses sujeitos que estão no movimento é acaba. Ou você vai trabalhar discutindo isso, mas você vai ficar sobre a minha demanda e aqueles militantes que estão fora do movimento que tem que trabalhar que tem que sustentar os folhos eles já não tem tanto mais fôlego para tentar fazer reivindicações e se envolver realmente nas questões”.

Toda essa articulação que existe em torno do Movimento LGBT é de extrema importância para que possa identificar seu início, suas diretrizes e seus resultados estejam eles ainda em menor percentual, busca explicitar que diferente dos movimentos sociais sejam eles de gênero ou de raça, o movimento homossexual mesmo organizado foram de certa maneira lentos no que diz respeito na elaboração de políticas públicas. O que se percebe é que dentro das próprias associações, dos debates em torno da temática, a mídia, as paradas da igualdade, os seminários, as conferências dos direitos humanos tem ganhado espaço dentro da sociedade mesmo que inserido dentro de processo lento e tardio aos poucos deixando de ser considerados ou tradados às margens da sociedade. As Paradas não são apenas promovidas pelo movimento social ou identidades sexuais elas têm todo um mecanismo de poder, o que têm culminado as várias formas de violências, retificando os discursos hegemônicos e os discursos de minorias sociais através das instituições.

¹³ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

3 CONCRETIZANDO A IGUALDADE: CADA UM BUSCANDO SUAS LEIS, SEUS DIREITOS

Toda a expansão e visibilidade em torno do Movimento LGBT foi através de muitas lutas e até mesmo por meio de causas perdidas, a afirmação de identidades promovidas pelo movimento LGBT tem feito com que o Estado se repositone acerca das neutralidades culturais da nação. E nesse último capítulo se posiciona a respeito justamente das lutas, leis, direitos até então alcançados por toda essa comunidade LGBT.

Os movimentos sociais têm sido caracterizados por uma crescente politização da vida social (lembre-se do slogan feminista: “o fator pessoal é fator político”); mas também é precisamente esse ponto que fez ruir a visão do político como um espaço fechado e homogêneo (LACLAU, 1985).

Segundo o autor, diante dessa premissa é possível analisar que dentro dos movimentos sociais a pluralidade e a proliferação dos espaços políticos são basicamente típicas das sociedades industriais avançadas, ou seja, as mobilizações populares não mais se baseiam em uma ideia de sociedade total, mas está voltada justamente para essa pluralidade que envolve exigências concretas, conduzindo a uma proliferação cada vez mais assídua dentro dos espaços políticos.

Tanto no Brasil como em todo o mundo, reconhecer os direitos LGBT é dar um passo e atravessar a fronteira derradeira. A constituição de 1988 é um marco histórico, pois sinaliza a saída de um regime ditatorial para um estado de direito, nos parâmetros das democracias liberais. Além disso, trouxe novos paradigmas e metas ousadas que apontam na direção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Segundo Rodrigues (2011), a década de 1990 avançou a respeito da legislação infraconstitucional no que diz respeito à garantia de direitos e as políticas sociais e de combate à discriminação. Entretanto, a Constituição de 1988 deixa uma lacuna importante a não mencionar a proibição da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, embora essa demanda tenha sido pautada pelo movimento LGBT, o fato que a Constituição tem um espaço de princípios que dar todas as garantias formais e sustenta o reconhecimento dos direitos dessa população no marco legal brasileiro.

Olhando de longe é possível afirmar que o Brasil é um país no qual o movimento LGBT é forte, estruturado, pauta fortemente a sociedade, realiza paradas gigantescas e dialoga com o poder público de maneira sistemática, a

ponto de começar a inscrever na agenda estatal a necessidade de políticas públicas específicas de combate à homofobia (RODRIGUES, 2011, p. 32).

Entretanto, sabemos que não é bem essa a realidade para muito que fazem parte do movimento não existe lei que trate dos direitos de cidadanias homossexuais, travestis, transexuais que ainda existe uma grande jornada pela frente. Mas que diante das divergências e contradições o movimento a cada dia que passa ganha força por seus militantes. Nessa última parte das entrevistas temos uma noção mais concreta em relação aos seus militantes. Quem são? O que fazem? Qual seu papel dentro do movimento? Enfim para termos uma visão e uma maior interatividade para com esses militantes que lutam por igualdade de direitos e leis. De início perguntei quais as dificuldades enfrentadas por assumir sua homossexualidade?

¹⁴“Assim eu sofri poucas dificuldades antes de assumir eu fugi de casa por medo da reação da minha mãe e dos meus familiares eu passei cinco meses em Floriano minha mãe me procurou, ela me ligou pedindo pra eu voltar pra casa e ela não sabia porquê do motivo que tinha fugido ai quando eu voltei pra casa ai passei um tempo morando com ela de novo ai eu peguei e falei pra ela: mãe eu sou gay. Ela me deu uma surra bem grande pense ai eu peguei e fugi de casa de novo ai ela me aceitou mais ou menos mais sempre teve aquela tu sabe é bem difícil pra mãe aceitar, mas parte da minha família minha avó aceitou numa boa. Mas não sofri muito não, só por parte da minha mãe mesmo, e fugi de casa antes de me assumir”.

A mensagem de John Elton em relação à pergunta é bem direta, onde ele evidencia todo o processo que passou ao assumir sua questão sexual para a família. A grande presença dentro dos discursos dos entrevistados está relacionada à preocupação nas reações de seus familiares por trazer para eles constrangimentos. Podemos rever essa mesma situação nas falas seguintes.

¹⁵“Bem pra sociedade eu sempre encontro preconceito, eu encontro preconceito na escola na época do fundamental, ensino médio, mas minha maior dificuldade mesmo foi na família que eu temia a reação dos meus pais, mas minha mãe encarou de forma natural o maior impasse foi meu pai que vem de uma família muito religiosa, extremista, radical e também devido a criação dele, ele é muito homofóbico”.

¹⁴ SOUSA, John Elton. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

¹⁵. SOUSA, Patrick Àlisson. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

Tanto o discurso do Patrick quanto do John Elton nos remete a uma importante questão que está voltada para a vergonha que eles têm dentro de si, sendo essa uma das principais razões de muitos não se assumirem, de não saírem do armário e viverem suas vontades e desejos sem pudores ou constrangimentos.

Segundo Carvalho Sá (2007), houve um aumento crescente a partir dos anos 1990, no que diz respeito às pessoas que assumem sua homossexualidade, pois vemos que há mais homossexuais hoje do que há 10 anos. As categorizações que criam as identidades sejam elas heterossexuais ou homossexuais não são homogêneas, nem universais, mas se localizam em um determinado espaço cultural e momento histórico.

¹⁶“Na verdade eu não sou inteiramente assumido. Para minha família eu nunca revelei nada apesar de mostrar que faço parte do movimento e defender a causa. O que pode provocar uma desconfiança por parte deles ou não. No entanto, nunca entraram no assunto e nem perguntaram nada. Para os amigos é a mesma questão, exceto aqueles que também são gays ou bissexuais. Caso algum hetero venha a me perguntar eu também não negarei. Mas em relação a problemas enfrentados por si eu nunca sofri nenhum. Por enquanto”.

De acordo com as falas dos entrevistados percebemos que essa concepção sobre homossexualidade é um assunto delicado para se ter entre os familiares e amigos. A rejeição é o aspecto mais temido quando eles se assumem. Essa concepção do que é homossexualidade não está restrita apenas aos momentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. As ideias relacionadas a sua auto afirmação como indivíduo, enquanto ser social, que também ler, estuda, trabalha, respira, fala, produz, e não simplesmente, procria.

Essa existência de relação entre pessoas do mesmo sexo já vem desde a antiguidade, juntamente na própria formação de povos, como no caso dos gregos. Essa rotulação que se produz diante das relações afetivas- homens que fazem sexo com outros homens; mulheres que fazem sexo com outras mulheres; homens que fazem sexo com outras mulheres tornam-se assuntos discutíveis por terem em suas características uma visível tentativa de simplificação da realidade. Dessa maneira, limita o entendimento daqueles que se consideram enquanto seres-humanos que se envolvem por afinidades e não por questões contratuais.

¹⁶ FELF, 25 anos, estudante, homossexual. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 15 de agosto de 2013.

No Brasil, a luta pelo reconhecimento, pelo respeito ao direito dos homossexuais, bissexuais e transgêneros ganham a cada dia mais visibilidade social, ganham apoio do Poder Público, como o combate à homofobia realizado pelo Governo Federal. Na cidade de Picos, a coordenação dos direitos humanos juntamente com o GGLOS (Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual) vem mostrando bons resultados com denúncias por agressões. O reconhecimento desses direitos humanos dos homossexuais é tão importante que podemos associar esse avanço de uma nova para a humanidade.

Os militantes do movimento LGBT em Picos em sua maioria se aproximou para debater as principais metas de organização para se obter um maior reconhecimento. Para os ativistas em si e toda uma comunidade LGBT que vivem às margens de uma sociedade interiorana.

¹⁷“Eu vim ter conhecimento do movimento LGBT como algo mais presente né?! E partir disso daí eu não tive contato mais. Mas quando eu vim fazer o mestrado, realmente tive que ir atrás. Ai fui atrás de Jovana, vim conhecendo as outras pessoas que antes mesmo de Jovana já tinha uma digamos uma parte de... Eu falo muito de política de corpo, mas eu prefiro antes estudar isso que é o fato de utilizar muito do seu próprio corpo para utilizar uma expressão da sexualidade e do meio social que era conhecido como não sei. Mas da Rebeca, o Marcos algumas pessoas que antes de Jovana já que desde a década de 90 não sei já eram conhecidos na sociedade por ser homossexuais. E ai eu vim me aproximando mais porque tive que pesquisar e entender a questão da violência então isso me aproximou mais ainda”.

De acordo com Mafra Júnior, essa aproximação com o movimento é um grande passo em que seus militantes ganham força e onde suas alianças se intensificam em busca de bons resultados no que diz respeito aos direitos que reivindicam por meio dos debates, discussões, eventos e seminários seus direitos vem sendo alcançados a cada dia. “Os "direitos naturais", então suplementados pelos "direitos do gênero humano", "direitos da humanidade" e "direitos do homem", tornaram-se expressões corriqueiras” (HUNT, 2007, p.124). Pois todos têm direito iguais perante as leis o que distancia esse direito a todos é o julgamento e intolerância por parte de uma parcela da população que vive a mercê de condutas ultrapassadas. Todos os direitos cedidos para a humanidade devem ser mantidos e repassados para toda a sociedade

¹⁷ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

independente de sua orientação sexual. E as paradas da igualdade ou parada da diversidade servem para lembrar a sociedade que somos todos iguais.

Ilustração 8: XII Parada da Diversidade em Teresina dia 25 de agosto de 2013.



Fonte: disponível em <<http://www.google.com.br> acessado 09 de setembro de 2013.

A imagem retrata um militante segurando a bandeira com orgulho, sendo essa bandeira composta pelas cores do arco-íris, um dos símbolos do próprio movimento LGBT. O movimento LGBT no Brasil permanece lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando igualdade, no que se refere ao conjunto da sociedade, outros buscam ir mais além se preocupando em desafiar as fronteiras de gênero homem/mulher; menino/menina; feminino/masculino; heterossexual/ homossexual e outros lutam em atravessar essa fronteira e viver a ambiguidade dessas relações de gênero.

O movimento e lutas homossexuais, hoje compreendidas como lutas LGBT ou pela diversidade sexual, possuem uma articulação mais fraco no campo dos DH, permanecendo como um elemento, considerando que não estão assimilados pelo discurso dominante. Em alguns momentos do discurso essa luta LGBT foram articuladas através da noção de diversidade sociocultural, algo ainda presente nos debates de várias políticas públicas, como do Ministério da Cultura (especificamente para questões da Parada do orgulho LGBT) (TORRES, 2010, p. 2).

Podemos compreender que os discurso dos DH (Direitos Humanos) não são apenas articulados pelas ações como também pelos componentes elaborando e consolidando os elementos essenciais para que se possa compor as configurações sociais, tornando sua luta na busca dos direitos mais eficaz.

O movimento LGBT em Picos vem dando grandes passos no que se refere à questão dos direitos, e, além da Coordenadoria dos Direitos Humanos, a cidade pode contar com o GGLOS (Grupo Guariba de Livre Orientação Sexual) que juntos fazem valer as vozes daqueles que sofrem algum tipo de violência seja ela física, moral ou psicológica. Outro grande avanço que os militantes têm conseguido é implantar no calendário oficial dos eventos no município de Picos o dia da parada da diversidade. Tem também a criação das duas leis: Lei n° 2.295/08, que dispõe sobre a criação do Dia Municipal de Combate a Homofobia e dá outras providências. E do decreto n° 006/09 que determina os órgãos da Administração e da iniciativa privada que observem e respeitem o nome social dos transexuais.

¹⁸ “Em Picos tem a lei municipal para que as travestis sejam tratadas pelo seu nome social, pelos órgãos do município temos isso. Também estamos lutando por um centro de referências que na verdade ela vai dar assistência não só as pessoas em situação de risco, não só os LGBT, mas para a população em geral. Esse projeto está sendo encabeçado pelo GGLOS. E também a conquista mais importante pra gente é dar visibilidade e conhecimento as pessoas para que a cada dia mais e algum dia a gente possa extinguir toda essa violência e esse ódio que vem tanto de pessoas que tem uma religiosidade ultrapassada ou então uma visão muito fechada, muito heteronormativa”.

De fato, mesmo sendo o movimento LGBT em Picos tão jovem observamos dentro das falas dos entrevistados que já se alcançaram importantes direitos que de fato vem se desenvolvendo dentro da cidade de Picos, facilitando o viver dessa parcela da população picoense.

De acordo com Dias (2011), em Legislação brasileira e homofobia, é dever do poder legislativo a obrigação de proteger o direito de todos os cidadãos e de todos os excluídos, homossexual, travestis e transexuais que são as maiores vítimas, pois não só sofrem o preconceito social, mas na maioria das vezes são rejeitados por seus próprios familiares. A autora pauta muitas das conquistas alcançadas em relação aos direitos como o Projeto de Lei

¹⁸ BRITO, José Anderson de Andrade. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

6.418/2005 na qual proíbe a discriminação ou preconceitos decorrentes de raça, cor, etnia, religião, sexo ou orientação sexual, para o provimento de cargos sujeitos à seleção para quadro do funcionalismo público e empresas privadas. Tem também o Projeto de Lei 2.383/2003 considera discriminatório impedir que nos planos e seguros privados de assistência à saúde seja incluído o companheiro do mesmo sexo como dependente econômico.

Sabemos que o direito à cidadania depende do reconhecimento âmbito legal. Mas quando se trata dos direitos de pessoas homossexuais, transexuais ou mesmo de transgêneros o que se vê é uma omissão por parte do legislador. Para se obter os direito é preciso muita força de vontade e valentia para se obter um bom resultado. As dificuldades enfrentadas pelo Movimento LGBT ou pessoas que o lideram são presenças marcantes de quem lidera essa luta.

¹⁹“Mas eu vejo que é a questão da ignorância mesmo falta de conhecimento e o movimento tem que lidar. Principalmente com a questão da religião é assim eu vejo que a religião por não ver esse embasamento na ciência ela é muito baseada pela fé. E esse movimento ele só surge mesmo porque tem a influência da ciência, então o que a gente tem mais dificuldade é digamos para liderar o movimento, está à frente do movimento é fazer uma discussão científica sobre essa temática. Porque as pessoas vêm muito com a compreensão da religião e assim discutir os espaços políticos, discuti democracias. Hoje a modernidade é até possível com essas compreensões”.

O Mafra Júnior aborda sobre a questão da religião, apesar de não haver questionamento acerca de sua própria religiosidade. No entanto, era de se esperar, ao se trabalhar sexualidade torna-se um assunto quase que natural. Sendo que a maioria das entidades religiosas condena a homossexualidade.

A fala do FELF abaixo passa uma situação de incomodo, por apenas se assumir como tal. Se vivemos em um país livre, todos somos merecedores por princípios de igualdade, de não sofrer discriminação por ser diferente. Mas na realidade esse desejo não é bem assim. Isso está bem representado na fala acima²⁰. “Nessa questão tem bastante gente que vai para apreciar, mas também tem gente que vai para denegrir, pra rir, apontar o dedo. Ohh! Fulano não sei o que. Tá lá é baitola, é viado”.

¹⁹MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

²⁰FELF. Entrevista realizada por Rannyle Rocha Teixeira no dia 15 de agosto de 2013.

A discussão tente a entrar nessa violação dos Direitos Humanos Homossexuais na cidade de Picos, que não tão diferente das outras cidades do interior sofrem constantemente esse tipo de agressão que desola boa parte dos militantes sejam eles lésbicas, gays, travesti ou transgêneros. Discutir e evidenciar as questões políticas tornará o combate à homofobia uma questão não tão preocupante, pois é necessário que as formas de viver sejam respeitadas, e dessa maneira, haverá a aceitação das pluralidades que a cada dia aumenta dentro das sociedades.

Segundo Mott (2007), na cidade de Teresina, foram encontrados os primeiros episódios sobre homofobia no Piauí em 1998, a maioria dos relatos só foi possível pela sensibilidade da precursora consciência política da militante Monique Alves, travesti e fundadora do Grupo Homossexual Babilônia, que na década anterior se intitulava como gay e assinava algumas das denúncias com o nome Raimundo Pedro dos Santos. Em seus relatos se observa flagrantes de intolerância machista no dia-a-dia dos gays e travestis, nos últimos anos do século XX.

²¹“Os crimes com motivação homofóbica acontecem realmente com requintes de crueldade. Penso que por isso tem a ver com a educação que as pessoas recebem, uma educação que o povo tende a alimentar a intolerância. O discurso religioso vê a homossexualidade como um pecado também ajuda a alimentar o ódio doentio. Impedir as pessoas de decidir sobre o corpo, viver sua sexualidade, é uma violência. A religião deve ter o papel de tornar as pessoas mais humanas, sensíveis. Usar a fé para justificar um discurso intolerante é uma distorção da religião”.

De fato, as violências sofridas por gays e travestis têm em suas características atos de crueldade e frieza por parte dos agressores, e é justamente o papel dessas associações de combater e defender dentre das leis a dignidade dessas pessoas, tornando-as um apoio diante dessa violência. Tanto o grupo Matizes em Teresina, quanto o GGLOS (Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual) em Picos luta contra a intolerância e acelera a construção de uma sociedade igualitária.

²¹ SANTANA, Marinalva. Entrevista realizada por André Gonçalves para a revista REVESTRES publicada no de setembro/ outubro de 2013. Ed 10. p. 10 a 19.

²²“Eu encontrei uma certa posição religiosa apesar de ser pequena minoria na turma todos se reuniam para fazer aquele complô, mas a maioria das pessoas me viam com bons olhos, me respeitavam, só eles mesmos que eram os vilões. Há cinco, sete anos atrás quando a parada era recente, via-se falar muito em assassinatos de travestis, homossexuais e lésbicas. Aqui em Picos hoje em dia a gente praticamente nem ouve mais falar, inclusive agressões verbais a única coisa que a gente se incomoda um pouco, é o olhar pejorativo e as vezes piadinhas e risos”.

Percebemos uma vitimização em parte até íntima no discurso do entrevistado, a questão religiosa novamente aparece como impasse das questões homofóbicas nas quais muitas pessoas se camuflam atrás delas. E as paradas de igualdade que acontecem na cidade de Picos têm ajudado na redução dos casos de violência contra a comunidade LGBT. Dentro de todas as minorias, sabemos que os homossexuais são os que mais sofrem violência, discriminação. Os atos de protestos contra o homicídio de homossexuais, não se pode é vitimizar, nem vê-los como coitadinhos não sendo capazes de enfrentar ou superar tais adversidades. Pelo contrário, essas próprias vítimas têm que reagir, evitando situações de risco.

²³“Para os pobres quando a gente vê quem tem o corpo destruído, quando a gente encontra aqui nas margens do espaço urbano de Picos que são vigias, são pessoas que limpam os espaços públicos, os realmente pobres essa violência ela aparece que permanece, mas assim não sei exatamente si não tenho condição porque não fiz pesquisa pra isso pra dizer se isso seria o reflexo dessa liberdade que o estado parece quer que a gente viva. Divulga muito essa diversidade e não cria condições para que realmente essa diversidade exista que é a questão da educação mesmo da idealização da qualidade então assim diminui a criminalização, diminui a violência para alguns eu acho que para a classe que não tem acesso à educação que são pobres que trabalham em um nível mais discriminados nessas profissões eu acho que ainda tem alguma coisa para se avançar”.

Fica claro que a fala acima mostra que o movimento LGBT para muitos não atinge ainda de forma agradável em relação a essa violência na qual muitos continuam sujeitos a enfrentar. Que para cada perfil dos sujeitos que fazem parte da sociedade LGBT essa realidade muda, aquele sujeito que tem uma boa classe social sofre bem menos discriminação

²² SOUSA, Patrick Àlisson. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

²³ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

diferente daqueles que têm condições de pobreza. O estudo também pode se associar a essa questão na mesma comparação das classes sócias em que estão inseridos.

Ilustração 9: Casal homoafetivo durante na VII Parada da Igualdade na cidade de Picos, 2013.



Fonte: acervo pessoal de Rannyelle Rocha Teixeira

O foco da imagem acima está ligado à forma de carinho, onde o casal homoafetivo em questão está de mãos dadas durante a parada da igualdade. Essas demonstrações de carinho são comuns durante esse dia, mas nos dias considerados comuns é difícil ver toda essa afetividade, justamente por causa dos olhares e constrangimentos homofóbicos ainda por parte da população picoense.

Na cidade de Picos o setor político não tem grande participação no que faz valer as leis e direitos da comunidade LGBT mesmo que se tenham algumas causas ganhas como as Leis nº 2.295/08 que enlaçam como, por exemplo, o dia do evento no calendário oficial do município comemorado todo dia 17 de maio de cada ano e o decreto nº 006/09 que determina os órgãos da Administração e da iniciativa privada que observem e respeitem o nome social dos transexuais. De acordo com a própria Jovanna Baby a política picoense não apoia o movimento por motivos de preconceitos e hipocrisia. Muitos dos políticos evitam se

pronunciar diante desse assunto²⁴. “A política não influencia, não há apoios, nem participação de políticos no movimento por preconceito e ignorância e hipocrisia”.

A exemplo do que a entrevistada citou no ano de 2012, um fato inusitado e vergonhoso aconteceu no dia que antecede a VI parada da igualdade na cidade de Picos, onde o até então prefeito Gil Paraibano derrubou o palco durante o evento. Quais foram as medidas que os organizadores do evento tomaram?

²⁵“Eu acho que foi no último ano da candidatura dele. Ele já estava pra sair mesmo ai ele tirou um dia antes tipo assim a parada ia ser no domingo ele tirou no sábado à tarde assim de uma forma de que não tinha como ir atrás de outro palco. Jovana fez todo o processo é como se deve ser feito pediu autorização e foi tudo autorizado. Ele foi extremamente ilegal a atitude dele. Porque ela estava toda acobertada, documentada e tudo, mas assim mostrou bem de como funciona a política aqui, coisa bem do coronel do cara que anda armado e compreende a política a partir da cozinha dele”.

Dessa maneira, fica bem clara a questão da homofobia por parte de alguns representantes políticos da cidade de Picos que procuram silenciar diante dos acontecimentos e das mudanças que ocorrem na cidade preferindo se omitir, porém essa reclusão do não debate traz consequências negativas diante da comunidade LGBT que de certa maneira ainda se encontra em silêncio e essa boa parcela da população vota. A postura do prefeito Gil Paraibano segundo Mafra Júnior está baseada em posicionamentos centrados na violência e ignorância e que ser cabra macho requer ser destemido, forte, valente e os homens fracos e covardes não tem espaço todas essas características se relacionam aos coronéis e cangaceiros que dominavam o nordeste, onde ser valente podia significar uma vida de ascensão social elaborando uma identidade do nordestino. Diante do episódio a postura da Jovanna Baby influenciou para o pedido de afastamento do cargo em que ocupava na Secretária dos direitos humanos, dessa maneira pode ter influenciado para que nas eleições seguintes à própria Jovanna Baby apoia-se o candidato adversário.

O presente só se interessa por aquilo que o passado tem ressonância sobre ele. Se a violência se coloca como um tema para a história, não é por esta garantir que ela desapareceu, mas para entendê-la em suas diferentes formas de manifestação. A história é uma forma de lidarmos com a violência,

²⁴ CARDOSO, Jovanna. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 11 de novembro de 2013

²⁵ MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

inclusive com a nossa própria, como indivíduo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 182)

Como chama a atenção Albuquerque Júnior (1999), o nordeste é uma sociedade onde a coragem e a valentia pessoal ainda influenciam no status social dos indivíduos, no respeito que esse teria da sociedade, daí a necessidade de provar sua masculinidade, sua macheza, pela realização dos atos de coragem. E esse tipo de comportamento se iguala as atitudes tomadas pelo prefeito em relação a sua intolerância política, social e ética no dia que antecedeu a Parada da Igualdade.

Mesmo diante das adversidades e preconceitos por uma parcela da população p movimento LGBT na cidade de Picos tem por base a luta pelos seus espaços sociais e por seus direitos como cidadãos. A Parada da Igualdade que são realizadas tem por intuito despertar a população para a uma maior aceitação e respeito por toda comunidade LGBT é dia de repassar para a sociedade picoense que a porcentagem de pessoas homossexuais pode ser ainda maior e que não estamos mais em um país ultrapassado, no qual não prioriza a dignidade de seus habitantes fazendo das articulações do movimento LGBT um fato histórico desde 1970.

Ilustração 10: Bandeira do Movimento LGBT sendo segurada por um de seus militantes.



Fonte: acervo pessoal de Rannyelle Rocha Teixeira

Como é percebido na imagem, tem um os militantes segurando um dos símbolos do Movimento LGBT, ao lado os gogo boys que também participam e animam as paradas em todo Brasil, e claro, as Drags queens que dão um espetáculo fora a parte da própria parada da igualdade em Picos.

De acordo com Jenkins (2009), as principais características das hierarquias sociais, pré- modernas se baseiam em valores intre-secos sendo eles: divindades, raça, sangue. A formação do homem era determinada pelo seu nascimento, de modo que ele nascia para mandar conhecendo seu lugar. No entanto, diante das ambições, do valor comercial, o homem deveria agora ter valor não pelo seu nascimento, mas pelo seu próprio mérito. O valor que ele conseguisse na vida teria que ser conquistado, não dado. Hoje, justamente o que se ver dentro dos movimentos LGBTs pelo Brasil é uma desconstrução desse homem que por muito tempo permeável características rústicas e que aqueles que não possuíam tais preceitos eram hostilizados por parte da sociedade.

Segundo Dias (2011), o caminho está aberto. Basta uma maior educação, um maior respeito que valorize as escolhas de cada um, independente de distinção de sexo, raça, cor, religião ou orientação sexual. Cada um tem o direito de ir i vir. Para essa comunidade LGBT é

louvável sua coragem de ousar no que se refere à questão da sexualidade e no momento em que se rompe esse preconceito, que os perseguidos seja na família ou nas relações sociais são rompidos, ganham mais visibilidade e espaço. O que se tem é um verdadeiro enfrentamento a toda uma cultura conservadora ainda apegada a um conceito singular de família

As pessoas devem respeitar os outros seres humanos e ter a noção de que todos têm o direito ao conjunto completo dos direitos humanos. O que precisa é um trabalho que integre defensor, estado e indivíduo, para defender tais direitos podendo atuar cada vez mais garantindo os direitos universais de toda e qualquer pessoa. O processo da conquista é coletivo, mas também de cada indivíduo dentro do meio social em que está inserido e perante a cultura.

O estudo maior sobre o preconceito sexual no Brasil, que viesse da visão dos considerados heterossexuais, aprofundaria a discussão na sociedade por conta de sua condição cultural e diminuição do preconceito enraizado, pois combater a discriminação é mais fácil que o preconceito. Penalizar alguém por violência física ou psicológica, não tira o preconceito internalizado da pessoa. Esses debates devem ser mais profundos e presentes sendo eles necessários a educação sexual.

A discussão junto às entidades governamentais e o reconhecimento possibilitam um bom começo, exaltando a visibilidade em torno da questão homossexual encoberta pelo silêncio. Esse grupo social que se mobiliza, reivindica elabora ementas, propostas, é essencial para o avanço político e cultural do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos contribuir de forma clara as intenções e o desenvolvimento do Movimento LGBT na cidade de Picos, levando em consideração seus ideais, seus militantes e toda a comunidade LGBT. De toda maneira, é possível perceber que os impasses para essa comunidade LGBT ainda são grandes, pois as demandas locais ainda estão enraizadas com uma visão ultrapassada e que o espaço de socialização e de respeito ainda continua estagnado e reduzido.

A questão LGBT trata de uma reivindicação da igualdade formal, que, em tese, estaria já incorporada desde as primeiras reclamações da Revolução Francesa: todos iguais perante a lei. A imposição do Movimento LGBT é muito forte, por parte das grandes instituições religiosas, pois contém uma forte intolerância, discriminação e de rejeição em consequência não deixam usufruírem de seus direitos como cidadãos em virtude de uma orientação sexual ou de uma identidade de gênero, além de não terem seus direitos civis reconhecidos na maioria dos países, continuam sendo vítimas de várias formas de violência como: discriminação, abuso, perseguição e agressão constante.

No entanto, o estudo proposto possibilita compreender sobre os aspectos relacionados ao Movimento LGBT na cidade de Picos. Não obstante, procurando desenvolver tais conceitos em uma forma de proporcionar um nível maior de esclarecimento por parte do movimento em questão, seus sujeitos ativos, suas reivindicações, suas lutas, em relação aos temas que envolvem a qualidade de vida, dessa forma, procurando mais tolerância, compreensão e o respeito da sociedade por parte de todos.

De certo modo, acho que escrevemos sobre algo que não conhecemos, sempre escrevemos algo para oferecer ao mundo não escrito algo que proporcione oportunidade de expressar-se através de nós. Mas acredito que as palavras dizem mais do que possam imaginar ou significar e que lançamos nossos olhos para sondar a escuridão. Quando lemos, estudando, pesquisamos é preciso entender cada frase, pelo menos no sentido literal o sem não se pronunciar em julgamentos. Mesmo com inúmeras circunstâncias que para a compreensão do estudo nos deparamos frequentemente diante de situações sobre as quais não temos como nos pronunciar. Não podemos esquecer-nos do que é feito as palavras, como a linguagem é

empregada de acordo com suas próprias técnicas e estratégias, quando uma história nos é contada, essa história é acionada por um mecanismo semelhante a outras histórias.

Para finalizar, esse estudo foi escrito de forma clara, em que há a intenção de dar visibilidade ao Movimento LGBT, sendo este um momento histórico de luta dentro da sociedade picoense, estimulando os agentes ativos dentro dessa comunidade LGBT a falar sobre suas experiências. Esperamos que o estudo contribua para os novos estudos acerca da temática, não fazendo desaparecer essas discussões em relação às questões de gênero. Não conseguimos explorar todas as fronteiras que o próprio Movimento LGBT oferece o que indica que a pesquisa fica à disposição de outros pesquisadores que queiram estudar sobre o tema ora apresentado.

ENTREVISTAS

BRITO, José Anderson de Andrade. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

CARDOSO, Jovanna. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 11 de novembro de 2013.

FEFL. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 15 de agosto de 2013.

MAFRA, Júnior. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 22 de outubro de 2013.

SOUSA, John Elton. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

SOUSA, Patrick. Entrevista realizada por Rannyelle Rocha Teixeira no dia 24 de julho de 2013.

REFERÊNCIAS

- BADINTE, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CATONNÉ, Jean Philippe. **A Sexualidade Ontem e Hoje**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1995 (Coleção Travessia do Século).
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DIAS, Maria Berenice. Legislação Brasileira e Homofobia. IN VENTURI, Gustavo. BOKANI, Vilma (Orgs). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 163-174
- FARIAS, Edilsom. IN: JUNIOR, Francisco de Oliveira Barros. LIMA, Solimar Oliveira. (Orgs.). **O poder público no enfrentamento da discriminação contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros**- Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. 168 p.; 21 cm. (Coleção Diversidades; vol.1)
- FEITOSA, Zoraida Maria Lopes. O Homoerotismo grego na visão de Platão. IN BARROS Jr; LIMA (organizadores). **Homossexualidade e gerações**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2008.
- FRY, Peter; IN MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção primeiros passos)
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Grall, 1998
- _____. Michel. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Grall, 1984.
- _____. Michel. **Microfísica do Poder**. 25. Ed. São Paulo: Graal, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. - São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autentica, 2004, p 27-53.
- JUNIOR, Paulo Fernando Mafrá de Souza. **O silêncio e o segredo do cabeça de cuia**: Um estudo sobre a situação de violência vivida pelos gays no vale do Rio Guaribas. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco Centro de Ciências Sociais Aplicadas Departamento de Serviço Social Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2011.
- MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 54)

MORAIS, Soraia. IN: JUNIOR, Francisco de Oliveira Barros. LIMA, Solimar Oliveira. (Orgs.). **Grupo free: uma ebulição clandestina** Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. 168 p.; 21 cm. (Coleção Diversidades; vol.1)

MOTT, Luiz. Homofobia no Piauí. IN: JUNIOR, Francisco de Oliveira Barros. LIMA, Solimar Oliveira. (Orgs.). **Homossexualidade sem fronteiras: olhares**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. 168 p.; 21 cm. (Coleção Diversidades; vol.1)

RODRIGUES, Julian. Direitos humanos e diversidade sexual: uma agenda em construção. IN: VENTURI, Gustavo. BOKANI, Vilma. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 23-37.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferença, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertichas, 2009, p. 116-149. (Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais).

SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo ibérico**. Stuart B. Schwartz; tradução; tradução Denise Bottman. –São Paulo Companhia das Letras; Bauru: Edusc, 2009.

SÁ, Geysa Elane Rodrigues de Carvalho. IN: JUNIOR, Francisco de Oliveira Barros. LIMA, Solimar Oliveira. (Orgs.). **Identidades e sociabilidades homossexuais em Teresina**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. 168 p.; 21 cm. (Coleção Diversidades; vol.1)

SANTANA, Marinalva. Explode coração. IN: **Revista Revestres**. Set/out de 2013. N 10.

SIMÕES, Júlio Assis. A sexualidade como questão social e política. IN: ALMEIDA, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferença, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertichas, 2009, p. 150-191. (Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais).

WILLYS, Jean. In: **ANAIS da 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBT**. Brasília, 2011.

Sites consultados

http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx
acessado em agosto de 2013

<http://grupomatizespiaui.blogspot.com.br/2011/09/movimento-lgbt-no-piaui-fatos-e.html>
acessado em outubro

http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf acessado em setembro

<http://www.libertarianismo.org/livros/lhaiddh.pdf> acessado em outubro

APÊNDICES

Questionário das entrevistas

Quais os motivos que levaram para organizar o Movimento LGBT em Picos?

Quais os temas das Paradas da Igualdade em Picos?

Quais as dificuldades que enfrentou para viabilizar o Movimento LGBT em Picos?

Quais os direitos alcançados?

Como a política da cidade influência para a visibilidade do Movimento LGBT?

Quando iniciou o Movimento LGBT em Picos?

Por quem foi organizado? E quais foram suas pretensões?

Quando se aproximou o Movimento LGBT?

Já participou em outras cidades de alguma Parada? Se sim, onde?

O que representa a figura de Jovanna Baby?

Quando se aproximou o Movimento LGBT em Picos?

Quais as principais estratégias desse Movimento?

Quais os direitos já alcançados?

Qual a importância da Parada?

E porque Parada da Diversidade e não Parada da Igualdade?